



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**



Jenny Télemaque

**Imigração haitiana na mídia brasileira:
entre fatos e representações**

Rio de Janeiro
Julho de 2012



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**



Jenny Télemaque

**Imigração haitiana na mídia brasileira:
entre fatos e representações**

Monografia para conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação – ECO/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de diploma de graduação bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro
Julho de 2012

Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações

Jenny Télémache

Monografia para conclusão de Curso submetida à banca examinadora da Escola de Comunicação da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção de diploma de graduação bacharel em Comunicação Social, habilitação de Publicidade e Propaganda.

Prof. Dr. Mohammed ElHajji – Orientador

Prof. Dr. Luiz Solon Gonçalves Gallotti – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Liv Sovik – ECO/UFRJ

Nota: _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2012.

TÉLÉMAQUE, Jenny.

Imigração haitiana na mídia brasileira: entre e representações/ Jenny Télémique – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2012.

95 f.

Monografia (graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2012.

Orientação: Mohammed ElHajji

1. Imigração de haitianos 2. Mídia brasileira I. ELHAJJI, Mohammed (orientador) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda IV. Título

Dedicatória à minha mãe, a pessoa que me ama acima de tudo nesse mundo. Espero poder conseguir o melhor nessa vida para poder de todas as formas fazê-la feliz, pois ela merece tudo de bom. Sacrificou-se para poder qualificar a minha educação. Mesmo estando muito longe ela sempre esteve presente nas horas que mais precisei; ela sempre está do meu lado e é a única pessoa na face da terra que sei que me ama de verdade e que esse amor é incondicional.

Amo-te mais do que tudo Marie Icélia Luc

Agradecimentos aos que contribuíram para a realização e sucesso deste trabalho:

Primeiramente eu agradeço a Deus e aos meus pais Marie Icélia Luc e Martin Télémaque por tudo que fizeram e realizaram na minha vida.

Agradeço ao Harvel Jean Baptiste, ao ex-ministro Jean-Rénald Clérismé, ao ex-ministro Alrich Nicolas, e a todos do “ministère des Affaires Etrangères” que de certa forma contribuíram a minha formação, tanto acadêmica quanto na vida.

Agradecimentos especiais aos meus colegas da EC2/2008/1, aos meus amigos e professores que foram queridos da ECO de maneira geral que me receberam muito bem e que me ajudaram diversas vezes nos trabalhos; eu não poderia não mencionar os nomes: da Nathalia Ronfini, da Larissa Curi, do Afronaz (que sempre foi um amigão, sempre disposto a ajudar e dando força quando mais precisava), do Jeldes que me ajudou quanto mais precisei, Mariana Moreira e a todos os amigos que compartilharam momentos de risos e alegria.

Agradeço a meu orientador o Prof. Moha que aceitou em me orientar e disposta a me ajudar. Agradecimentos aos professores Liv e Solon que aceitaram em fazer parte da minha banca; quero dizer que é uma honra!

Agradecimentos aos meus amigos: Lesly-Ann Werleigh, Keller Aubry, Stanley Georges, Pierre Richard D'Meza, Kady Boucher, Abellard Cedric, Carmen Garcia, Nedgyne Jean Pierre, Assouana Edouard, Marie Lourdes Dameus, Natacha, e a todos os outros que acreditaram em mim e que me deram força e apoio quando eu precisava. Agradeço especialmente aos meus amores: meu amor o mestrando Belinazir C. E. S. pelo apoio, por me aturar nos meus momentos de estresse e por não desistir de mim nesses momentos, e também pela sua ajuda na formatação e na revisão da minha monografia; ao meu pai Martin Télémaque pelos conselhos e por acreditar em mim. E um agradecimento todo especial a minha mãe que sempre esteve ao meu lado.

Devo agradecer a mim mesma, que não desisti nas primeiras dificuldades e barreiras [...], e vim até o final para o prêmio.

“Les mauvais jours passent, mais les bons jours arriveront quand même.”

Minha mãe, Célia Luc.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações**. Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 95 f. il.

Resumo

A primeira onda de haitianos que se mudou para o estrangeiro visava buscar temporariamente oportunidades educacionais e abrigar-se da coação econômica e a opressão política em seu país. A deterioração socioeconômica, as políticas repressivas de François e Jean-Claude Duvalier (Papa Doc e Baby Doc, nesta ordem) e a ganância insaciável dos *tontons macoutes* eram, portanto, as principais causas dessa migração. O país testemunha uma segunda onda, desta vez econômica, em andamento desde o início dos anos 1990. Com pelo menos 2 milhões de haitianos na diáspora, a remessa de recursos desses para a terra natal é um seguro importante que garante a dinâmica econômica nacional. Devido ao terremoto no Haiti em 2010 e a epidemia de cólera em 2011, uma situação de tragédia e miséria se instalou no país. Assim, iniciou-se uma onda de imigração de moradores da ilha caribenha para o Brasil. O bom momento econômico brasileiro na década passou a ser conhecido, e visto como oportunidade, pelos haitianos. Desta vez, o Brasil também é uma alternativa. Nessa, cresceu um fluxo em massa de imigrantes haitianos “ilegais” pela fronteira Norte brasileira. Amparados pela Resolução nº 097/2012 da CNIG, esses 400 mil haitianos causaram movimentação em todos os níveis de mídia nacional e internacional. Este trabalho faz um levantamento de depoimentos destes imigrantes, e tece uma análise entre os fatos e representações.

Palavras-chave: Imigração de haitianos; mídia brasileira.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Immigration haïtienne dans les médias brésiliens: entre faits et représentations**. Superviseur: Prof. Dr. Mohammed El Hajji. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monographie (Licence en Communication Social, habilitation en Publicité et Propagande) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 95 f. il.

Résumé

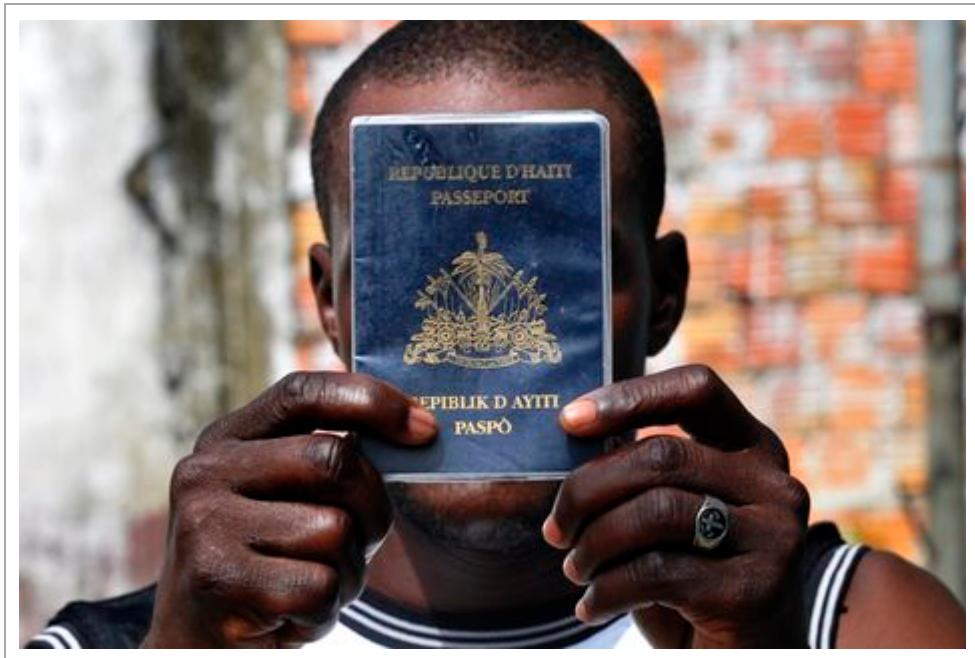
La migration vers l'étranger de la première vague d'haïtiens s'est faite dans l'objectif de rechercher temporairement des opportunités d'éducation et de se mettre à l'abri de la contrainte économique et de l'oppression politique de leur pays d'origine. La détérioration socio-économique, les politiques répressives de François et Jean-Claude Duvalier (Papa Doc et Baby Doc, cet ordre) et la cupidité insatiable des *tontons macoutes* étaient donc, les principales causes de cette migration. Le pays est témoin d'une deuxième vague, cette fois économique, depuis le début des années 1990. Avec au moins 2 millions d'haïtiens dans la diaspora, le retour de leurs ressources en terre natale est une assurance importante qui garantit le dynamisme économique national. Une situation de tragédie et de misère s'est instaurée dans le pays, dûe au tremblement de terre de 2010 et à l'épidémie de choléra de 2011. Ainsi une vague d'immigration des habitants de l'île caraïbe a commencé vers le Brésil. L'aisance économique brésilien dans la décennie se fut connaitre, et perçue comme opportunité par les haïtiens. Maintenant, le Brésil est également une alternative. Le flux en masse d'immigrants haïtiens "illégaux" a augmenté à la frontière Nord brésilien. Soutenus par la Résolution n° 097/2012 de la CNIG, ces 400 mille haïtiens ont causé un mouvement à tous les niveaux des médias nationaux et internationaux. Ce travail fait un recueil de témoignages de ces immigrants et dessine une analyse entre les faits et les représentations.

Mots-clés: Immigration d'haïtiens; médias brésiliens.

Sumário

Introdução	1
Capítulo I	5
1. O Haiti	5
1.1 Breve histórico.....	7
1.1.1 A era dos Duvalier e a governança ditatorial	10
1.1.2 A era de Aristide e a governança multifase.....	11
1.2 Situação atual.....	13
1.2.1 As eleições.....	14
1.2.2 O terremoto de 2010.....	15
Capítulo II.....	20
2 Emigração haitiana no mundo	20
2.1 A fuga de cérebros haitianos e a remessa de recursos.....	23
2.2 Principais destinos dos emigrantes haitianos.....	24
2.2.1 Estados Unidos	26
2.2.2 Canadá	27
2.2.3 França	28
2.2.4 Caribe.....	32
Capítulo III	38
3 Imigração haitiana para o Brasil	38
3.1 A crise haitiana de 2004	39
3.2 Desastres naturais no Haiti (2004-2010)	40
3.3 A recente migração de haitianos para o Brasil	42
3.4 Rotas de migração de haitianos para o Brasil.....	43

4 Imigração haitiana na mídia brasileira.....	48
4.1 Controle da fronteira.....	53
4.2 Haitianos entre refúgio e imigração.....	54
5 Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil.....	58
5.1 Vida nova no Brasil	62
Capítulo IV	68
6 Considerações finais: conclusões e questionamentos.....	68
Referências	75
Anexos (versão CD)	84
Anexo 1 Haitianos: Residências Permanentes concedidas (28 abr – 29 jun 2012)....	84
Anexo 2 Resenha de imprensa: Haitianos no Brasil (19 mar 2010 – 7 mar 2012)	84



Fonte: Retirado de uma manchete sobre imigração haitiana /Blog Acrítica (Lauria, 2012).

Introdução

O governo brasileiro assumiu o compromisso de regularizar a situação dos cerca de 4 mil haitianos que entraram no país até o final do ano passado. Em vez de declará-los refugiados, o governo tem lhes concedido o visto de permanência por “razões humanitárias”. Estima-se que a maior parte destes haitianos tenha ingressado território brasileiro pelos estados setentrionais de Acre e Amazonas antes de buscar trabalho noutras regiões do país. A maioria deles gasta todo o dinheiro que juntou no Haiti para fazer a viagem em várias escalas (geralmente passa por República Dominicana, Panamá, Equador e Peru) até chegar ao Brasil, onde ainda deve definir a cidade que será o destino final.

A iniciativa dos vistos humanitários foi motivo de comemoração, já que a crise social do Haiti é das mais graves: após a tragédia do terremoto 7,3 na escala de Richter, em 12 de janeiro de 2010, teve ainda a epidemia da cólera matando milhares e contaminando outras centenas de milhares de pessoas; sem falar na violência criminal, na

falta de serviços básicos, etc. Por outro lado, há severas críticas à conduta brasileira, não apenas pela recusa em aceitar os haitianos como refugiados, mas também pela falta de uma política migratória mais generosa e coerente com a importância do país na região.

As críticas tornaram-se ainda mais duras desde janeiro deste ano, quando o governo brasileiro decidiu restringir o número de vistos aos imigrantes haitianos ao total de 1,2 mil por ano. A Resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração foi adotada, segundo declaração oficial, para controlar o fluxo abundante de imigrantes provenientes da ilha, e protegê-los da ação de “coiotes”. O problema é que a medida veio acompanhada de ameaças de deportação dos que entrarem irregularmente e do aumento de policiais nas fronteiras com Peru e Bolívia. E de acordo com a Resolução, o visto concedido aos haitianos tem caráter humanitário e vale pelo prazo de cinco anos, mas só pode ser renovado se houver prova da “situação laboral”.

A mídia nacional nos informa periodicamente que imigrantes “ilegais” são pegos nas fronteiras do Brasil. São, na verdade, poucas informações. Acompanhamos ultimamente o drama dos haitianos por causa do embalo da mídia e uma parte da população. Às vezes, aliás, com certo histerismo. Mas não sabemos muita coisa sobre o que acontece longe dos holofotes.

Mal podemos imaginar como é a vida de um haitiano que perdeu seus parentes nos escombros de um terremoto antes de se aventurar; a maioria deles sem conhecimento algum sobre a língua portuguesa. Nesta aventura, o migrante estará em busca de um trabalho através do qual possa enviar uma parcela móida de ajuda financeira a um irmão, tio, esposa ou filhos que deixou no Haiti.

Rutemarque Crispim – líder religioso de Brasileia- AC, que acolheu muitos imigrantes do Haiti – afirmou em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos que os haitianos sofrem discriminação porque os nativos acreditam que aqueles são portadores de doenças (cólera, SIDA, vírus desconhecidos, etc), e sujeitam-se a formas de violência, como abandono e assaltos na trajetória ao Brasil. O pior é que alguns governos estaduais compram as passagens de migrantes “indesejados” a fim de que se mudem a outros estados e desonerem seu sistema público de saúde, moradia, etc.

Após a Resolução, pipocam notícias de que algumas empresas têm oferecido oportunidades. Em fevereiro o portal Opera Mundi (Osava, 2012) publicou que a

Hidrelétrica de Santo Antônio contratou cem haitianos que estavam em Porto Velho- RO para trabalhar na carpintaria, alvenaria, eletricidade e hidráulica. Em abril, o portal Tnonline (Souza, 2012) noticiou que um grupo de homens haitianos haviam sido levados por dois empresários da construção civil e comércio para atuarem em Arapongas- PR. No início de maio, a Agência Brasil (Sarres, 2012) informou que duas empresas gaúchas (Mirasul, do setor têxtil; e Finger, do setor moveleiro) tinham contratados a mão-de-obra de 27 destes haitianos. Ao fim do mês de maio, o portal D24am (Portela, 2012) noticiava que 550 já estavam encaminhados a partir de Manaus por empresários do Sul e Sudeste. A última notícia é de 1º de julho, veiculada pelo jornal O Estado de S. Paulo (Estadão, 2012), informando que alguns haitianos podem sonhar com vaga na construção da usina Hidrelétrica Teles Pires- MT/PA.

Embora a natural contribuição social e humanitária, e a falta de trabalhadores nos setores industriais, o especialista em Estudos Latino-Americanos, Peron (2012), levanta que os dirigentes destas empresas esquivam-se dos encargos elevados das leis trabalhistas na medida em que os haitianos restringem-se a uma qualidade de visto que não lhes dá os direitos plenos de um cidadão brasileiro.

Assim Peron (2012) considera que essas medidas migratórias que acolhem haitianos no Brasil são tão polêmicas quanto o envio de apoio (pessoal, material e técnico) para a reconstrução do Haiti. No entanto, estas são algumas das possibilidades para amenizar as dificuldades que hoje enfrentam os haitianos em seu próprio território.

Portanto, neste contexto, esta monografia objetiva embasar algumas análises e questionamentos sobre os fatos e interpretações críticas procurando confrontar com e como se tem representado sobre a imigração haitiana na mídia nacional brasileira.

Dividimos o trabalho em quatro capítulos temáticos.

O Capítulo I comporta o Tema 1: Caracterização contextual do país Haiti. Neste capítulo, apresentamos o país, o localizamos no mapa caribenho, contamos um pouco da história da sua luta de libertação anticolonial, e também contextualizamos os marcos sócio-políticos no pós-independência até o início do século XXI. Ainda teve espaço no

capítulo para apresentarmos a situação atual do país – o esquema político vigente, as últimas eleições e governo, e o trágico terremoto de 2010.

O Capítulo II tem o Tema 2: Emigração haitiana no mundo; aborda a presença da diáspora haitiana traçando os seus principais destinos – América do Norte, Caribe e Europa.

No Capítulo III, temos o Tema 3: Imigração haitiana para o Brasil; Tema 4: Imigração haitiana na mídia brasileira; e o Tema 5: Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil. No Tema 3, procuramos fazer uma reconstituição da história do fluxo migratório recente para o Brasil – quando começou, como e por quê? No Tema 4, é feita uma abordagem das representações da problemática imigrante haitiana na mídia brasileira, seus impactos, condicionantes e difusões. Já no Tema 5, propõe-se um levantamento de entrevistas e depoimentos de alguns desses imigrantes haitianos que cá estão.

Por último, o Capítulo IV: no Tema 6 faz-se as considerações finais, buscando algumas conclusões e questionamentos das discussões; e no tópico da bibliografia, apresentamos as Referências mais relevantes da vasta pesquisa bibliográfica que se consultou para a realização deste trabalho.



1. O Haiti

A República do Haiti é um pequeno país insular montanhoso de 27.750 km² (mais ou menos o tamanho da Bélgica ou do Estado de Sergipe); o nome Haiti vem de uma palavra indígena, Ayiti, que significa “terra montanhosa”, mas as ilhas também já foram chamadas Tohio e Quisqueya. Situado na bacia do Caribe, ocupa aproximadamente um terço dos 75.000 km² da antiga ilha de *Hispaniola*, que comparte com a República Dominicana. Aí se desenvolveu, durante a conturbada época dos fribusteiros, a mais rica das colônias francesas do Novo Mundo, Saint-Domingue, a “pérola do Caribe”, que prosperou, durante os séculos XVII e XVIII, com base na agromanufatura de açúcar, uma economia em que cerca de 40 mil plantadores reinavam sobre 30 mil pessoas de cor, mulatos de variados matizes, e sobre meio milhão de escravos negros transplantados de Senegal e de Dahomey (era um reino africano situado onde agora é o Benin).

Quando a Espanha cedeu a parte oeste da ilha de Santo Domingo à França, o francês normando, falado pelos proprietários das plantações de açúcar foi adotado como língua franca; imbricado pelos dialetos africanos trazidos pelas diferentes etnias emigradas, daria origem a uma língua peculiar, o *créole*. Assim desde 1961 o país é oficialmente uma república bilíngue: se o francês é a língua da elite, todos, ricos e pobres, falam *créole*, unindo todos os haitianos.

A última estimativa do Banco Mundial (World Bank, 2010) atestava aproximadamente 10 milhões de habitantes, composta por 95% de negros, 5% de mulatos e brancos; predominantemente católicos (80%), porém o *voodou* é praticado por mais de 50% dos habitantes. A agricultura é a base da economia.

O Haiti ocupa o oeste da ilha de *Hispaniola* (a República Dominicana situa-se na parte oriental da ilha), no mar do Caribe. O país apresenta duas planícies montanhosas, que fecham o Golfo de Gonaives e são separadas por vales e outras planícies. Seu clima é tropical, caracterizado pela pouca variação de temperatura nas estações do ano. A temperatura média anual varia em torno de 27 °C e as chuvas são mais frequentes nas zonas montanhosas.

Tanto as regiões planas como montanhosas, exibem paisagens exuberantes (patrimônio cultural do país) que enriquece o interesse turístico, atraindo muitos visitantes. Tem uma cultura fora do comum, o *voodou* é rico em criatividade e imaginação, bem como feriados nacionais para o deleite de seus peregrinos fiéis.

A Carta de 1987 também reconhece em seus primeiros artigos, que a unidade monetária é a Gourde¹, que é dividida em centavos. Ainda que haja uma força de trabalho estimada em 3,6 milhões, há escassez de mão-de-obra qualificada, e o índice de analfabetismo é de 47,1%. O Haiti sofre com uma altíssima taxa de desemprego e subemprego; mais de dois terços da população em empregos informais. A taxa de migração é estimada 8,32 migrantes/1.000 habitantes (CIA World Factbook, 2012).

O Estado haitiano conta uma história pontuada por sucessivos conflitos políticos e sociais, uma sociedade marcada pela revolução e por uma estratificação complexa. As

¹ Nas relações cambiais, a Gourde haitiana está cotada: R\$ 1 = HTG 20,76 pelas relações cambiais, baseado no fechamento de 02/07/2012, pelo Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

disputas são acirradas até mesmo pela inexistência de um poder com capacidade para exercer função moderadora.

1.1 Breve histórico

Em fins do século XVIII, a conjuntura nacional e internacional, derivada da revolução francesa, lançou Saint-Domingue naquela que foi, talvez, a mais extraordinária e dramática transformação sofrida por colônia ultramarina Europeia. A origem da metamorfose resultaria a República do Haiti foi uma revolta de escravos, única na história das Américas, pelas quantidades implicadas, violência e destrutividade, e finalmente, pelo seu êxito.

O levante geral contra os senhores da ilha foi proferido em agosto de 1791 e a resistência, através de levantes sucessivos, converteu-se em luta pela independência travada até o dia 1º de janeiro de 1804, em que o Haiti tornou-se o primeiro país negro e a segunda colônia nas Américas a conquistar a independência, após os Estados Unidos.

A luta de independência do Estado haitiano

Em primeiro 1º de janeiro de 1804, era a primeira vez que no mundo uma república negra proclamava sua independência. Haiti, ex-colônia espanhola e depois francesa, nasceu na luz da liberdade em 1804 depois de uma batalha épica entre os coloniais contra os exércitos de escravos. A descolonização foi um longo processo que levou o Haiti ao concerto das nações “livres”, que lhe permitiu mais tarde a ter lugar ao lado das nações soberanas do mundo. (MHAVE – Etat Haïtien, 2012)

Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha que os nativos chamavam de Quisquéia. Na época, ali viviam os povos arawaks e taínos, praticamente extermínados pelos conquistadores. Os franceses, à revelia dos espanhóis (que por decisão papal teriam a posse de toda a ilha), instalaram-se na porção ocidental da *Hispaniola* (“Pequena Espanha”, em homenagem aos patrocinadores de Colombo), a partir de meados do século XVII, e acalentavam o sonho de ocupar toda a ilha. Em 1697, a Espanha cedeu a parte oeste da capital Santo Domingo à França. Assim, os franceses receberam direitos sobre a área que ocupavam reconhecidos no Tratado de Ryswick.

A região era conhecida como Saint-Domingue e rapidamente assumiu a liderança na produção açucareira no Caribe, com base no trabalho escravo. Começaram a chegar imigrantes de diversas regiões, principalmente da França, atraídos pela expansão da cultura açucareira. Essas levas de imigrantes modificou a estrutura social da região. O império francês promoveu o comércio escravo (originário, em especial, de Moçambique e do Senegal) que foi empregado nas lavouras de cana-de-açúcar. A exploração comercial da cana-de-açúcar, pela França, logrou alta produtividade e lucros sem precedentes na história francesa. A sociedade local caracterizava-se por uma forte estratificação.

A escravidão se estendeu por 130 anos, até que em 1791, uma revolta liderada pelos ex-escravos Toussaint Louverture, Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe, tomou parte da colônia, num conflito que durou 12 anos e resultaria na proclamação de uma Constituição e de uma República independente. O discurso e o carisma do líder Toussaint Louverture foram fundamentais para unificar os diferentes estratos sociais na luta pela emancipação. Em 4 de fevereiro de 1794, foi aprovado um Decreto abolindo a escravidão em Saint-Domingue, reflexo do momento histórico que a França atravessava à época, e Louverture foi nomeado general.

No entanto, Napoleão reacendeu os interesses da França pela colônia de Saint-Domingue e enviou contingente de 50 mil homens para reprimir os movimentos. Louverture então organizou uma ampla resistência, mas acabou preso e conduzido à França onde morreu em 1803. Mesmo assim, o levante continuou e Jean Jacques Dessalines e Henri Christophe, dois negros, juntamente com Alexandre Petión, mulato, assumiram o legado de Louverture na luta pela independência, unindo negros e mulatos.

Com a derrota da França por tropas locais, a parcela da ilha sob domínio dos insurgentes foi batizada como Haiti. Instalado no poder, Dessalines se inspirou em Napoleão para criar um regime autocrático, auto intitulando-se imperador com o nome de Jacques I. Em 1806, Dessalines foi assassinado por seus dois antigos aliados – Henri Cristophe e Alexandre Petión.

Com a morte do primeiro imperador, ao mesmo tempo em que os espanhóis reconquistam a parte leste da ilha, surgiu uma disputa que levaria à divisão do território, originando uma República e um Reino. Na região sul do Haiti, que compreende Port-au-

Prince e Les Cayes, Petión estabeleceu uma república, apoiada por Bolívar. Na região norte, Cristophe criou um reino, tornando-se seu primeiro rei.

O sucessor eleito de Petión em 1818, Boyer unificou novamente a ilha, encerrando a experiência monárquica. A revolu o que inspiraria e marcaria a história do Haiti também teria, como consequência, a fragmenta o da ilha em duas unidades políticas distintas. A parte leste, habitada por uma popula o hisp nica, foi reincorporada ao Haiti em 1820. Em 1843, nova separa o deu origem   República Dominicana (com Santo Domingo tornando-se sua capital) como país independente e que conviveria ao longo da história com uma série de conflitos decorrentes, principalmente das instabilidades do vizinho. (Valler Filho, 2007; MHAVE, 2012; Americas-fr, 2012; Haiti-Référence, 2012)

As instabilidades do pós-independência

Após a independência, o Haiti não logrou estabilidade política. Até 1915 o país havia se defrontado com 22 mudanças de governo. Crises recorrentes, em um país geograficamente tão próximo dos EUA, conformariam as justificativas para interven o e ocup o de natureza militar promovida pelo Governo americano, resultado da big stick policy e destinada a perdurar até 1934. Nos dezenove anos de ocup o norte-americana, o país experimentaria algum tipo de progresso, mas de modo algum a tranquilidade e a paz social que supostamente deveriam ter sido aportadas   sociedade haitiana.

Desde o início, medidas como o desarmamento da popula o camponesa, a dissolu o do exército, o estabelecimento da corveia nas obras públicas e a aboli o do preceito constitucional que proibia a aquisi o de terras pelos estrangeiros, mobilizaram os ânimos autonomistas, antibrancos e mulatos. Assim, de 1916 a 1920, a revolta dos Cacos, camponeses politizados, sob o comando de Charlemagne P ralte sobressaltou as autoridades americanas e semeou o terror entre a elite de Port-au-Prince. Em todo o processo de resistência manifestou-se a força do *voodoo*, que reaparece na década de 20 como parte de outra resistência, o movimento da negritude.

O fim da ocup o que aconteceria em 1934, a ingerência externa na vida política e econômica do país não se encerraria com a saída das tropas norte-americanas. O recurso constante   violência como justificativa para a manuten o da ordem no Haiti permearia

os governos a partir dessa data, sempre com o envolvimento decisivo das forças armadas, apoiadas pelos Estados Unidos.

1.1.1 A era dos Duvalier e a governança ditatorial

Em 1957, o médico François Duvalier, oriundo da classe média, elegeu-se presidente democraticamente, com apoio dos Estados Unidos, temerosos do perigo de avanço comunista no hemisfério. Duvalier contaria também com o suporte do exército e das elites locais. Conhecido como Papa Doc declarou-se, em 1964, sete anos após sua posse, presidente vitalício e governaria autocraticamente o país até sua morte, em 1971, quando foi substituído por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, também nomeado presidente vitalício. Papa Doc vinculou-se às oligarquias, à hierarquia eclesiástica, à tecnocracia estatal e a setores centrais da burguesia para criar e manter o regime vitalício. Para contrarrestar a preponderância de mulatos na vida política do país, Duvalier organizou seu próprio instrumento de controle, os *tontons macoutes*, uma milícia para-policial com base no voluntariado. Esse grupo garantiu o monopólio da força pela presidência da república. Apesar do apoio, mesmo relutante, dos Estados Unidos, a economia haitiana, centrada na produção de café e de açúcar, foi perdendo paulatinamente condições de competitividade a partir da década de 1960.

Em 1971, ano da morte de seu pai, Baby Doc assumiu a presidência também de forma igualmente autoritária. Nessa época, a comunidade internacional passaria a divulgar os sucessivos episódios de desrespeito aos direitos humanos, o que acabou por ocasionar o enfraquecimento do regime.

Em 1984, foram convocadas eleições, mas, com o império do terror, a taxa de abstenção chegaria a 61% dos eleitores. Em 1986, fortes pressões de diversos setores da sociedade haitiana – contrários ao autoritarismo desenfreado e à repressão que marcavam o Governo de Baby Doc – apoiados pelos Estados Unidos, atingiram seu ápice com um levante popular que levou à queda do presidente, obrigado a deixar o país.

Em sete de fevereiro de 1986, após quase trinta anos de ditadura, o Haiti passou a ser administrado por governos provisórios que não conseguiram vencer as dificuldades políticas, econômicas e sociais do Estado, aprofundadas durante o período da “dinastia”

Duvalier. Em 1988, as eleições consagraram a vitória do candidato da situação, Leslie Manigat, que permaneceu no poder por poucos meses.

Em junho, o General Henry Namphy (que assumira interinamente o governo com a saída de Baby Doc) lideraria um golpe de estado que depôs Manigat e assumiu a presidência. Em setembro, um novo golpe de estado promovido pelo General Porsper Avril, deporia Namphy. Avril, por sua vez, seria destituído do poder em março de 1990. Nesse ano, instalou-se um governo civil transitório, liderado pela juíza Ertha Pascal-Trouillot, que convocou eleições para dezembro de 1990, encerrando uma era de golpes de estado sucessivos.

1.1.2 A era de Aristide e a governança multifase

Com o fim da ditadura, o país parecia ingressar numa nova fase de sua história, marcada pela realização de eleições democráticas em 1990.

O sufrágio, realizado em dezembro com monitoramento internacional, conferiu, com expressivos 67% dos votos, vitória a Jean- Bertrand Aristide, sacerdote de esquerda (ex-padre católico, tinha sido expulso dos Salesianos em 1988), que se proclamava adepto da teologia de libertação e não desfrutava da simpatia dos Estados Unidos.

Aristide tomou posse em fevereiro de 1991 e, poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, seria deposto por um golpe de estado promovido por militares, com o apoio de setores importantes da elite do país, liderados pelo General Raoul Cédras. O Presidente deixou o país em busca de asilo nos Estados Unidos e o governo militar responsável pelo golpe nomeou, logo em seguida, o civil Marc Bazin, como Primeiro-Ministro. A partir daquele ano, os confrontamentos cresceram significativamente, tanto no plano político quanto no social, agravados por um quadro econômico desalentador.

A deposição de Aristide motivaria um verdadeiro êxodo em direção ao Canadá e à costa da Flórida para onde expressivos contingentes de haitianos se dirigiram em precárias balsas. Segundo dados da Guarda Costeira norte-americana, no espaço de um ano, cerca de 42 mil haitianos entraram, desse modo, em solo americano, o que levou o Governo dos Estados Unidos a enviar, em outubro de 1994, um navio de guerra com a missão de conter a situação de violência nas ruas, principalmente em Port-au-Prince. Diante da notícia, a população haitiana ameaçou confrontar os invasores e o então

presidente Bill Clinton suspendeu o desembarque e ordenou que as tropas retornassem à base militar de Guantánamo. O Conselho de Segurança das Nações Unidas, no entanto, manteria o bloqueio naval ao país, medida que afetou o comércio e os interesses das elites econômicas, provocando o agravamento da crise social haitiana. A consequência mais direta foi impulsionar a emigração, vista como alternativa para a sobrevivência. Intensificaram-se, nessa época, as negociações entre Aristide e o Governo de Washington com vistas ao retorno do dirigente ao Haiti.

Em 1993, com o objetivo de monitorar as violações aos direitos humanos denunciados pelo Presidente deposto, seria criada a *International Civilian Mission in Haiti*, missão conjunta das Nações Unidas com a Organização dos Estados Americanos, que permaneceria no país até 1994, ano em que os observadores internacionais das Nações Unidas seriam expulsos.

Nessa altura, os apoiadores de Aristide o consideraram “o primeiro líder democraticamente eleito do Haiti” e também um “amigo dos pobres”. Já seus críticos dizem que ele se tornou ditatorial e corrupto. Dentre as várias acusações de corrupção contra Aristide, a mais famosa foi feita por Christopher Caldwell em julho de 1994, quando reportou que Aristide ordenou a receita do tráfego de chamada internacional de telefone do Haiti, manipulado pela divisão latino-americana da AT&T, ser transferida para uma conta bancária offshore no Panamá.

Diante desse quadro, agravado pela escalada de violência, de repressão e de abusos de direitos humanos, com a falência das medidas políticas e diplomáticas da OEA (Organização dos Estados Americanos) e sem que os mecanismos multilaterais de pressão econômica e comercial se fizessem valer, o Conselho de Segurança das Nações Unidas seria acionado, e aplicado pela primeira vez no hemisfério o controverso capítulo VII da Carta das Nações Unidas, através da Resolução 940.

O Brasil, que ocupava assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas entre 1993-94 absteve-se na votação da Resolução 940 e de três Resoluções posteriores sobre o tema (Resoluções 944, 948 e 964, todas de 1994) (Valler Filho, 2007). No entanto, a intervenção militar resultaria no fato inédito de o presidente deposto ser recolocado no poder com a participação da comunidade internacional. Aristide então terminou o seu mandato que começara em 1991.

Aristide voltou à presidência do Haiti sendo reeleito em 2001. Uma vez tendo chegado ao poder, atingiu uma impopularidade tal que teve que ser afastado do governo novamente em 2004, numa situação mal explicada na qual foi retirado do país por militares norte-americanos em um momento que era iminente um confronto entre integrantes de um levante armado do qual tomavam parte principalmente ex-militares haitianos e *tontons macoutes* e apoiantes de Aristide em Port-au-Prince.

Depois de sofrer esta segunda deposição, Aristide refugiou-se na África do Sul. De lá, afirmou que ainda era o legítimo presidente do Haiti, pois não renunciara, e que forças dos Estados Unidos o haviam sequestrado para tirá-lo do poder. Aristides retornou à Port-au-Prince em março de 2011, quando aconteciam as campanhas para o segundo turno das eleições presidenciais no Haiti.

1.2 Situação atual

O Estado haitiano, desde a sua fundação e depois de sucessivos regimes totalitários, se encontra hoje definido pela separação e independência dos três poderes: Judiciário, Legislativo e Executivo.

No Poder Judiciário, a instância máxima é a Suprema Corte (Cour de Cassation).

O Poder Legislativo é bicameral, investido em duas câmaras representativas: uma Câmara dos Deputados e uma do Senado.

- A Câmara dos Deputados é um órgão composto por oitenta e três (83) membros eleitos pelo voto popular para um mandato de quatro (4) anos.
- O Senado, a outra câmara do Parlamento haitiano, procede como a Câmara dos Deputados do sufrágio universal direto. Distingue-se pelas normas relativas à sua eleição, sua composição, a sua renovação. Vinte e sete (27) senadores compõem a Assembleia, com três departamentos. Eles são eleitos para mandatos de seis (6) anos, renovado por terços a cada dois anos.

O Poder Executivo é composto pelo Chefe de Estado – Presidente Joseph Michel Martelly, que sucedeu constitucionalmente René Garcia Préval. O Chefe de Governo – Primeiro-Ministro Laurent Lamothe – assumiu oficialmente o cargo em maio de 2011,

indicado para substituir o renunciado Garry Conille que havia assumido o cargo em outubro de 2011.

1.2.1 As eleições

O famoso cantor Michel Martelly venceu o segundo turno das eleições presidenciais contra Mirlande Manigat, a esposa do mesmo Manigat que tinha sido deposto em 1988, e foi eleito Presidente do Haiti. O primeiro turno, realizado em novembro de 2010, acabou em impasse entre a maioria dos candidatos, e a junta eleitoral foi acusada de manipular a votação em favor do candidato de direita, Jude Célestin. Observadores eleitorais nacionais e internacionais também criticaram o processo eleitoral.

Michel Martelly tomou posse em 14 de maio de 2011; porém, não havia conseguido formar um governo até outubro, quando a Assembleia Nacional aceitou a designação de Garry Conille como primeiro-ministro, que substituiu o até então interino Jean-Max Bellerive, primeiro-ministro do governo de René Préval (Amnesty Internacional, 2012).

O novo primeiro-ministro proferiu: “A noite mais escura não impede o sol de se levantar”, na cerimônia em presença dos novos ministros, representantes do Parlamento, dos partidos políticos, do corpo diplomático e de organismos internacionais. Em seu discurso, se comprometeu a apoiar Martelly em seu plano de refundação nacional. Embora com a advertência de que não tinha carta branca para fazer o que quiser, e que teria de prestar contas de sua gestão, Conille obteve o respaldo do Parlamento a seu programa de política geral após apresentá-lo em duas longas sessões nas duas Câmaras legislativas.

Jovem, médico de profissão, tinha trabalhado por vários anos no sistema das Nações Unidas, onde ocupou diversos postos nos últimos anos; desde junho de 2011 era coordenador de Assuntos Humanitários no Níger. Também já tinha sido assessor do ex-presidente americano Bill Clinton, e enviado especial da ONU para o Haiti. Assim, Conille parecia o homem certo; mas, não contando com a maioria do Parlamento, controlado pelas legendas próximas a Préval, acabou apresentando em fevereiro de 2012 a sua carta de demissão ao presidente Martelly. A renúncia ocorreu em meio a uma

intensa disputa política entre os dois líderes por causa de uma investigação parlamentar sobre a nacionalidade de ministros do governo. Possuir dupla cidadania é ilegal no Haiti. Conille que tinha assumido o posto há apenas quatro meses, também critica o governo pela forma como os contratos foram distribuídos para ajudar na reconstrução do país após o terremoto de 2010.

Com Conille desistindo surpreendentemente do cargo, o presidente Martelly indicou o Laurent Salvador Lamothe, seu então ministro das Relações Exteriores como Chefe de Governo; escolha que já foi ratificada pelos deputados e senadores. Em maio 2012, a Câmara Baixa do Parlamento aprovou com 62 votos a favor, 3 contra e 2 abstenções à nomeação de Laurent Lamothe. O Senado do Haiti havia aprovado a indicação de Laurent Lamothe no início de abril. Lamothe, um empresário de 39 anos, é amigo próximo de Martelly.

1.2.2 O terremoto de 2010

No dia 12 de janeiro de 2010, terça-feira, por volta das 16 horas e 53 minutos (19 horas e 53 minutos, horário de Brasília), o Haiti sofreu um terremoto de grau 7,3 na escala Richter. O tremor teve seu epicentro em Port-au-Prince a 14 quilômetros da região de Carrefour, a 27 quilômetros de Petion-Ville, na região sudeste do país.

Durante o terremoto além das casas, o Palácio Nacional, sede dos ministérios das Finanças, Trabalho, Comunicação e Cultura, o Palácio da Justiça e a Escola Normal Superior foram derrubados pelos tremores; sem contar escolas e igrejas como a Catedral de Port-au-Prince.

Além das perdas materiais e institucionais, muitos haitianos morreram, e outros conseguiram sobreviver mesmo estando soterrados por mais de quinze dias sob os escombros.

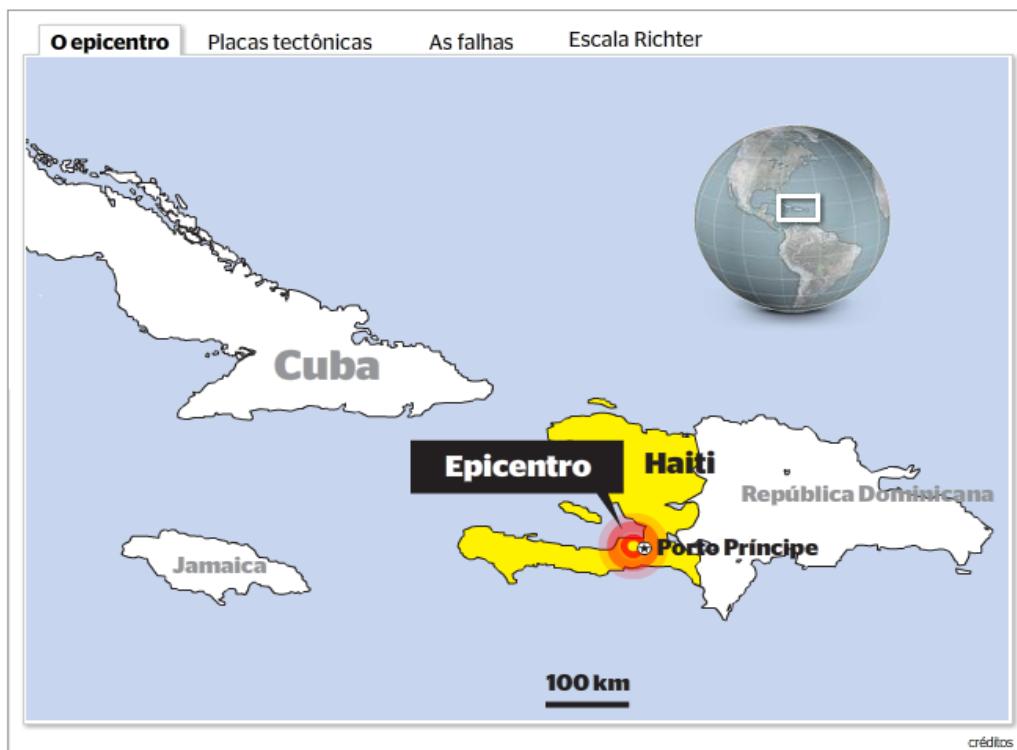


Figura 1 Desenho esquemático mostrando o epicentro do tremor em Port-au-Prince.

Fonte: Revista Época (2010a).



Figura 2 Desenho esquemático mostrando abalos secundários do tremor.

Fonte: G1 (2010).

Além da missão de paz da ONU, liderada pelo Exército Brasileiro, várias nações enviaram ajuda humanitária, exército e profissionais de resgate para ajudar o país.

As instalações e sistemas de comunicação da sede da Missão de Estabilização das Nações Unidas em Port-au-Prince sofreram danos estruturais, vários funcionários e voluntários da Missão de Paz faleceram vítimas do terremoto, entre eles a médica brasileira Zilda Arns e militares brasileiros.

O hospital do subúrbio de Pétion-Ville, subúrbio de Port-au-Príncipe, desabou. Os tremores também foram sentidos no território da República Dominicana, país que divide a ilha de *Hispagniola* com o Haiti, e no leste de Cuba.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) ofereceu um subsídio de emergência de US\$ 200 mil dólares para o fornecimento de alimentos, água, remédios e abrigos emergenciais aos haitianos.

O balanço parcial de 4 dias após os tremores já era de 50 mil mortos; é o maior desastre que a ONU já tinha enfrentado em sua história, pois destruiu as estruturas locais, afirmava no sábado 16 de janeiro 2010 a porta-voz do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários – “É um desastre histórico” –, explicou a porta-voz Elisabeth Byrs em Genebra. “Estamos em um país decapitado, sem estruturas políticas ou governamentais nas quais possamos nos apoiar” para levar adiante os trabalhos de ajuda e resgate, acrescentou. A porta-voz assegurou que nem mesmo o tsunami que atingiu a ilha indonésia de Sumatra e outros países do Sudeste Asiático em dezembro de 2004, deixando mais de 300.000 mortos, provocou tanto caos. “Nunca antes na história das Nações Unidas enfrentamos um desastre deste tamanho. Não é comparável a nenhum outro” –, completou, ao destacar que, ao contrário do tsunami de 2004 na Indonésia, no Haiti restaram poucas estruturas locais para canalizar a ajuda estrangeira. “Até em Banda Aceh (a região da Indonésia mais atingida pelo tsunami) havia certas estruturas governamentais ou oficiais nas quais podíamos nos apoiar” –, ressaltou a representante do ONU. A Organização, que é responsável por coordenar a ajuda humanitária no local após o terremoto que devastou a capital afirmou enfrentar “um desafio logístico maior”.

De acordo com o levantamento feito pelo serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS, 2011), se forem levados em conta apenas os mortos enterrados, o desastre do Haiti está na lista dos dez piores e mortíferos terremotos da história. Há registros de que

dois terremotos seriam maiores que este, mas para ambos não há dados que os comprovem. O primeiro teria matado 830 mil pessoas em Shaanxi, na China, no ano 1556, e o outro teria matado 250 mil em Antióquia (hoje Turquia) no ano de 526. A segunda maior matança provocada por um terremoto segundo o USGS foi registrada em 2004, no tremor de mais de 9 graus na escala Richter registrado no Oceano Índico que provocou um tsunami. Indonésia, Sri Lanka, Índia e Tailândia foram os países mais afetados e 227 mil pessoas morreram. Pelas estimativas, tragédia do Haiti é confirmada a quarta ou terceira pior do tipo desde o início do século XX.

Pelos números no caso do Haiti, a crise humanitária tomou proporções gigantescas. Perto de 200 mil pessoas morreram, 500 mil ficaram feridas, 4 mil foram amputadas. Há 1 milhão de desabrigados. Na altura da tragédia, foram confirmadas as mortes de pelo menos 21 brasileiros – 18 deles militares das forças de paz da ONU, além do diplomata Luiz Carlos da Costa, segundo homem da missão, da médica e fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns, e de uma mulher com dupla nacionalidade, cuja identidade não foi divulgada a pedido da família (Revista Época, 2010b).

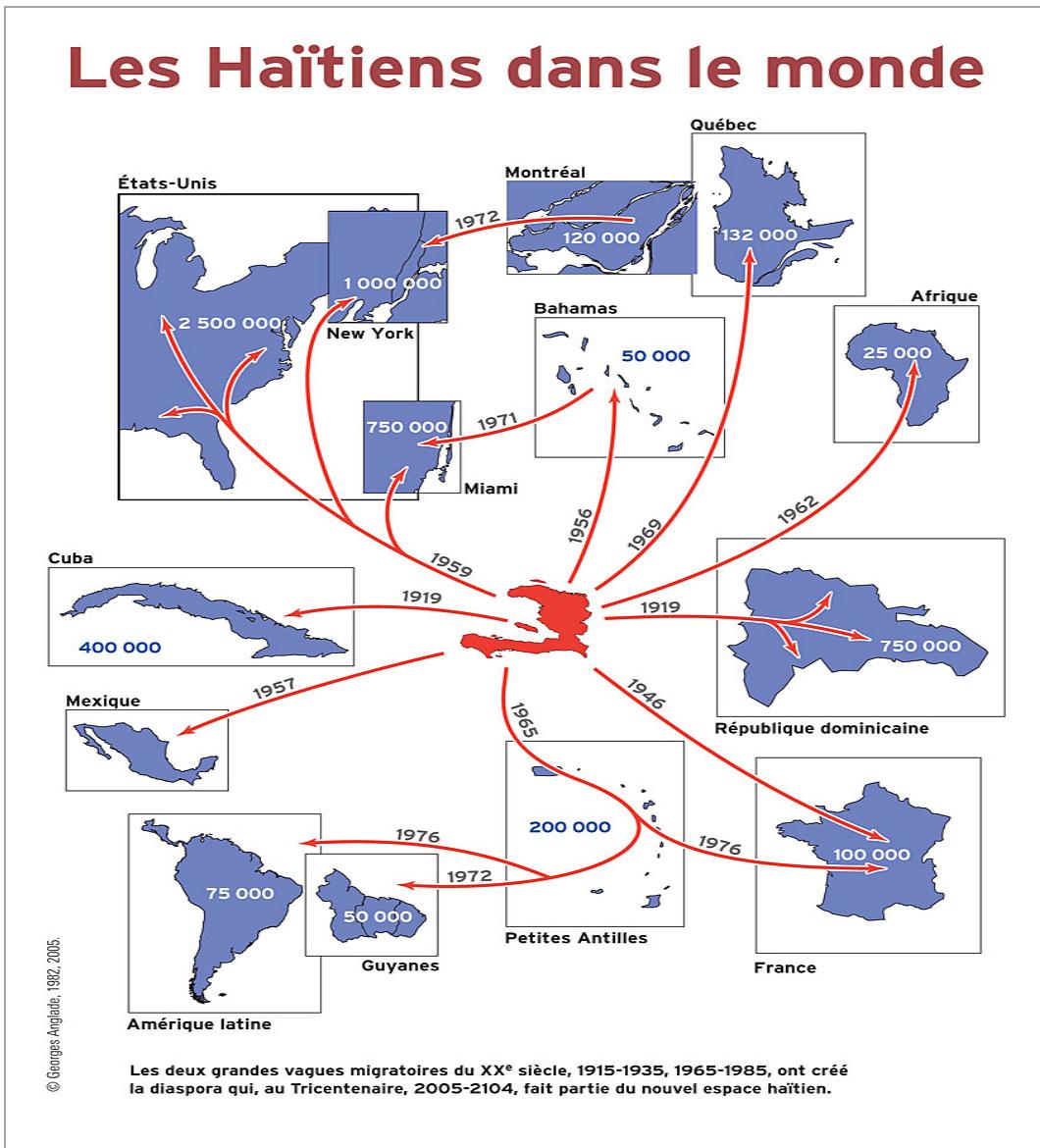
No epicentro, a capital Port-au-Prince, teve vários prédios destruídos. Cadáveres foram enterrados em valas comuns ou pelas próprias famílias. Comida, água e medicamentos escasseavam (e ainda escasseiam).

Houve o temor de que a situação de segurança fugisse de controle, com a falta de água e comida estimulando saques, uma vez que teve relato da ação de gangues armadas e de saqueadores. Haitianos desesperados brigavam por comida ou tentam deixar o país. Vários países, liderados pelos EUA, realizam as operações de ajuda ao país, com envio de pessoal, equipamentos, alimento e dinheiro.

O Haiti nunca havia sofrido um terremoto tão devastador, embora o maior terremoto já visto antes no país foi registrado em 4 de agosto de 1946, registrando 8,1 graus, segundo dados do Instituto Sismológico Universitário da República Dominicana. O território fica sobre a placa Caribenha, vizinha da placa Cocos, da placa Norte-Americana e da placa Sul-Americana. A despeito de ficar nesse ponto de convergência de “titãs” geológicos, foi uma falha relativamente pequena, chamada Enriquillo-Plantain Garden, que causou o terremoto, com foco a 10 quilômetros de profundidade.

Ela se estende do sul da República Dominicana até a Jamaica. Segundo informações da Faculdade de Geociências da Universidade do Texas, o padrão de rupturas nessa falha segue uma progressão do leste para o oeste, com tremores em 1751 na Ilha *Hispagniola* (República Dominicana) e, em 1907, em Kingston, capital da Jamaica. O ritmo médio de deslizamento de placas tem sido de 8 milímetros por ano. O deslocamento já acumula 2 metros. Toda essa tensão, se liberada de uma só vez, dá um terremoto desta magnitude. Cerca de 20 terremotos dessa magnitude ocorrem a cada ano, em todo o planeta, informou ao Jornal das Dez o sismólogo Lucas Vieira, da UnB (G1, 2010).

O terremoto de 2010 destruiu o país e a frágil estrutura que vinha sendo administrada pela MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti). Com milhares de mortes e feridos, e milhões de desabrigados vivendo em barracas nos arredores de Port-Prince, se observa um êxodo de um grande número de haitianos a deixar o país à busca de uma vida melhor no estrangeiro. Foi a partir daí que o Brasil se tornou o novo “Eldorado” para esses haitianos.



Fonte: Mapa do fluxo da diáspora haitiana (Anglade, 2005).

2 Emigração haitiana no mundo

A migração é a mais antiga ação contra a pobreza, que seleciona aqueles que mais precisam de ajuda. É boa para o país anfitrião, ela ajuda a quebrar o equilíbrio da pobreza no país de origem. Mas nas últimas décadas, a migração de haitianos no exterior –

movimento tão antigo quanto à crise política do país – tem assumido uma dimensão particular.

Mas, à que causa particular, ou à que causas, ligar a emigração em massa do Haiti? Devemos limitar aos fatores econômicos (já que sou pobre, então vou morar em outro lugar a procura de uma vida melhor)? Ou devemos também procurar raízes em uma história que desde a independência instaurou o caos político, a espoliação das grandes potências, a extorsão quase denunciada, a violência, e o abismo entre o Estado e o povo?

Certamente deve-se sempre cruzar estas perspectivas de forma metodológica para entender as razões que levaram milhões de homens e mulheres a atravessar fronteiras, assumindo riscos de diversas magnitudes a cada destino, e muitas vezes colocando as suas próprias vidas em perigo.

Historicamente, a migração haitiana é um fenômeno sazonal, envolvendo migrações de uma vida inteira e estadas temporárias em outros países. Hoje, mais de milhão são estimados a viver na República Dominicana, onde muitos trabalham na colheita da cana. De acordo com várias fontes (Paul, 2008; MHAVE, 2012; Radio-Canada, 2012), a comunidade haitiana no estrangeiro estima-se em 2 milhões de pessoas.

A primeira migração haitiana ocorreu rumo a Cuba no final do século XIX. No entanto, com a crise dos anos 30 que afetou a indústria do açúcar, os haitianos foram expulsos da ilha Charuto, onde ainda existe uma forte comunidade haitiana de 80 mil indivíduos (Collectif Haiti de France, 2012). Outro tipo de migração cresceu nos anos de 60 em direção à Bahamas. Depois seria a vez de Miami, Martinica, Guadalupe e Guiana que precisavam das contribuições para a mão-de-obra. No caso da Guiana, por exemplo, se precisava de muitos trabalhadores para a exploração da floresta amazônica e para o desenvolvimento da cidade de Kourou.

Daí, como se entrelaçou a história, as causas da migração haitiana são múltiplas. Mas, até mesmo pela conturbada história política, em geral, a imigração haitiana foi e continua sendo impulsionada principalmente pela busca de se escapar das restrições econômicas do país. Como explica o antropólogo Maud Laethier apud Collectif Haiti de France (2012), é realmente difícil de ignorar o impacto dos riscos políticos sobre a migração haitiana, uma vez que as grandes ondas de migração aconteceram muitas vezes quando justamente se desenrolavam tais crises políticas. Dessa forma, a diáspora

haitiana simboliza, sob o registro do trágico, o desejo nutrido por boa parte da população de abandonar o país prevalecendo o ceticismo quanto a qualquer possibilidade de participação efetiva em um projeto viável de reconstrução nacional.

Quase de forma permanente no país, essas crises causaram partidas maciças sob o governo de Duvalier, nos anos 70, e depois dos fracassos da transição democrática, a partir dos anos 80. Nesta altura, a partida ou a fuga dos haitianos incluiu combinar incentivos econômicos à perseguição ou ameaças de natureza política.

De fato, a histórica primeira onda da emigração do século XX começou após François Duvalier chegar ao poder, em 1957, e continuou até o seu sucessor, o seu filho Jean-Claude Duvalier, ser deposto em 1986. Este movimento de refugiados políticos consistiram das classes superiores, intelectuais e estudantis que se opunham à ditadura. Uma segunda onda, desta vez econômica, está em andamento desde o início dos anos 1990.

Nessa linha, Paul (2008) analisa que realmente, durante a segunda metade do século XX, movimento de emigração de haitianos foi reforçado pela exacerbção da ditadura Duvalier. O autor ainda faz um levantamento de que regime totalitário, para muitos, é responsável por 30 a 50 mil assassinatos e execuções, e o número grande de exilados políticos ainda permanece desconhecido. A coação durante o Duvalierismo, quaisquer diferenças de ideologia política e qualquer oposição ao regime governamental eram rapidamente repreendidas pelos *tontons macoutes*.

Após a queda deste regime, a emigração forçada foi especialmente inflacionada pelo crescimento da pobreza que assola a ilha. Seguindo o princípio de “cada um por si” os mais desfavorecidos cruzaram por terra em direção à República Dominicana, enquanto outros improvisavam pelos traficantes por mar. A agricultura que já não dava mais sustâncias aos fazendeiros, então as tentativas por terra na diáspora pareciam ser a melhor opção para as suas economias de reserva.

Reflexo da insatisfação da população, em particular das camadas mais jovens, foi o ressurgimento dos “*boat people*”. A partir dos anos 90, êxodos sucessivos deixaram o país em embarcações precárias com destino à Flórida. Esse movimento avolumou-se após o golpe perpetrado pelo General Raoul Cédras em 1991.

Como discutido, a motivação de deixar o país em embarcações desprovidas de segurança era resultado não apenas da falta de oportunidades, tanto no acesso à educação quanto ao mercado de trabalho, como também da crescente perda de vínculos com a comunidade nacional. Da mesma forma, a falta de iniciativa econômica no Haiti, faz correr o risco de se afundar ou ser feito prisioneiro no exterior. Somente a motivação de encontrar uma vida melhor em outro lugar poderia alegrar os migrantes econômicos. Muitos andam desiludidos, enfrentam discriminação na República Dominicana, enquanto outros são rotineiramente repatriados depois de alguns dias de prisão na costa dos EUA. No entanto, essa migração no exterior sempre permanece.

As categorias sociais afetadas por este tipo de migração inicialmente as elites urbanas, cada vez mais as massas camponesas foram ganhando destaque. Agricultores presos pela miséria pegaram as estradas para os países vizinhos. Uma grande parte atravessa a fronteira e entra na República Dominicana. Lá, alguns são recrutados para as *bateys* (plantações de cana-de-açúcar), e não vêm sua situação melhorar. Outros conseguem emigrar para as ilhas vizinhas: Cuba, Martinica, Guadalupe, Guiana, etc. A elite intelectual migra principalmente para o Canadá, França e os Estados Unidos. Esta, naturalmente, estabeleceu-se mais facilmente do que os camponeses, uma vez que a sua migração segue um sistema bastante convencional e legal. Além disso, esta categoria instruída atinge o desempenho de serviços profissionais no país de acolhimento e conseguem um status mais estável. Também é menos frequentemente relatada entre as vítimas de discriminação e maus-tratos.

2.1 A fuga de cérebros haitianos e a remessa de recursos

Analizando-se por outras perspectivas, por um lado, a migração pode ser vista como uma alternativa para crescimento econômico das populações urbanas e seu componente internacional, ou por outro lado, pode ser pontuado como perda de capital humano. Se deste lado a migração de haitianos provoca a “fuga de cérebros”, por outra discussão, favorece o crescimento da transferência de recursos. Este afluxo de fundos é então considerado como uma bênção financeira capaz de gerar desenvolvimento econômico para o país. Nesta visão, o fenômeno da emigração intelectual no caso do Haiti chama a atenção, ver Figura 3.

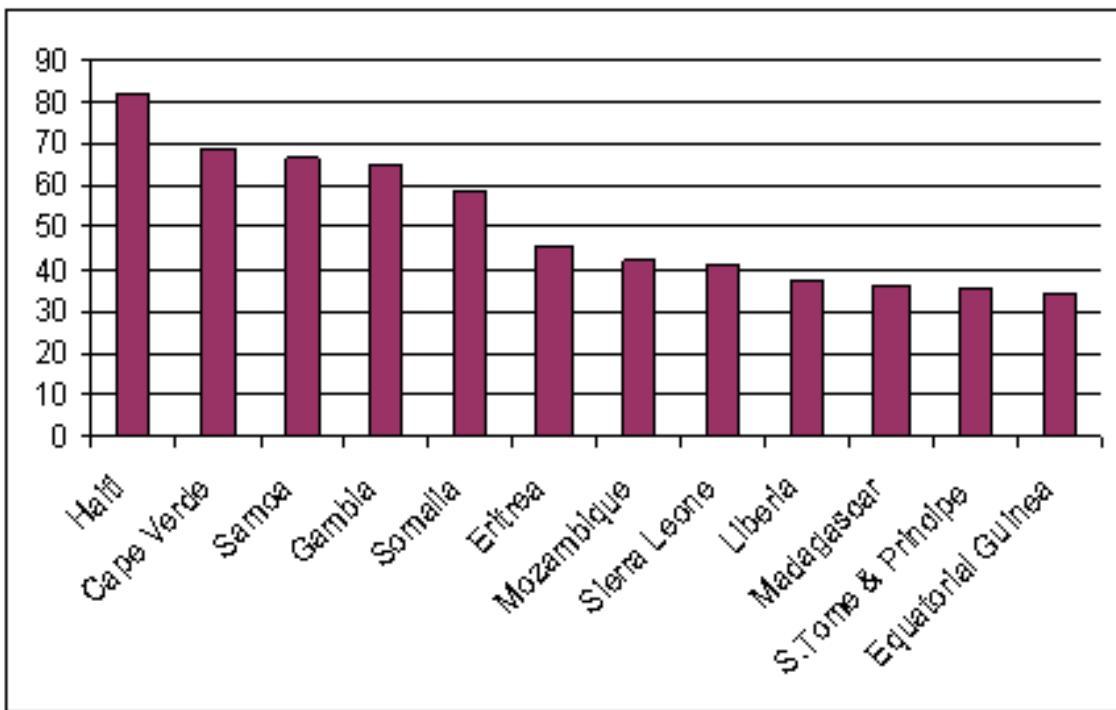


Figura 3 Haiti, o campeão da “fuga de cérebros” no ano de 2000, em número de talentos.

Fonte: CNUCED apud Paul (2008).

Segundo o MIF-BID (2007) apud Paul (2008), os Haitianos que vivem no exterior sempre transferem uma parte de sua renda para o país. Nos últimos anos, suas remessas têm crescido consideravelmente. O mercado financeiro assim criado ecoou tanto no Haiti (por exemplo, no âmbito do Ministério dos Haitianos Vivem no Estrangeiro-MHAVE) como no nível internacional (BID, Banco Mundial, etc). Anglade (2005) considerava que esta manobra pode e deve ser usada como o grande trunfo econômico para esta metade do século XXI. Pois o professor alertava que se nada fosse feito seria um grande pesar para o plano <<l’Autre Haïti possible>>.

2.2 Principais destinos dos emigrantes haitianos

O Haiti, dividido em dez departamentos, tem na diáspora nada menos de 2 milhões de pessoas. Essas comunidades no estrangeiro ganharam tanta importância que é comumente conhecido como o departamento onze (11º).

As rotas de migração se expandiram, e, chegado ao século XXI, encontram-se haitianos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Eles estão em toda a América, e também na Europa, Ásia, África e Oriente Médio.

Hoje, nove em cada dez haitianos que vivem no exterior são registrados nas Américas, enquanto cinco em cada dez estão na Europa. A distribuição desses migrantes no mundo (Figura 4) sugere uma tripla revolução em andamento: uma nova geografia em escala mundial, uma nova sociologia de classes médias fora do país, e uma nova economia com transferência de 2 bilhões de dólares por ano, o principal recurso do país.

Os principais países que nos recebem são os Estados Unidos (mais de 1 milhão) e Canadá (cerca de 150 mil pessoas). Entre estes estão República Dominicana e Cuba respectivamente, e depois a Europa. No relatório regional da Comissão Internacional da Migração (ICMC, 2006), consta que entre 2005 e 2006, 10,5 mil haitianos “fugiram” do país em busca de melhores condições: 4 mil deles refugiaram-se na Europa e muitos outros na América do Norte.

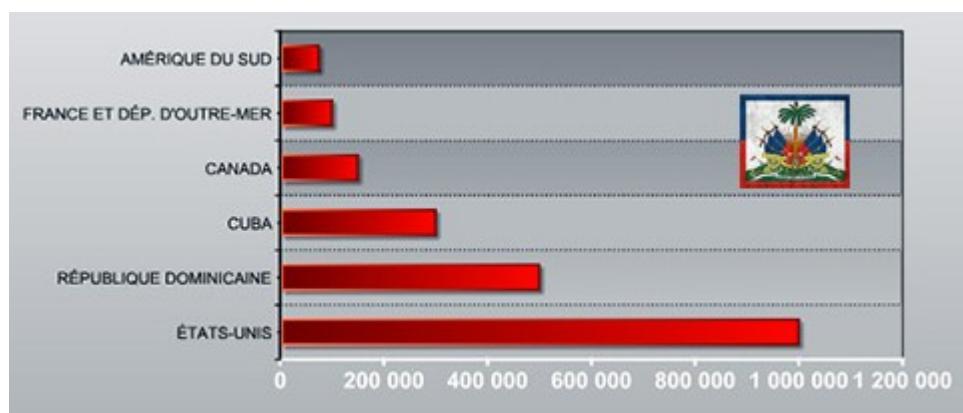


Figura 4 A diáspora haitiana no mundo, publicação de 2010.

Fonte: Radio-Canada (2010).

É importante alertar que os números que serão apresentados neste capítulo devem ser considerados como um guia, uma vez que são apenas estimativas. Existem diferenças consideráveis entre as diversas fontes.

2.2.1 Estados Unidos

Os Estados Unidos é disparado o principal destino dos imigrantes haitianos desde o movimento de fuga forçado pelo regime ditatorial de François Duvalier, ao final dos anos 1950. A opressão política combinada com dificuldades econômicas continuou a fornecer contingentes de imigrantes haitianos no país todo ao longo dos anos 1970, 1980, 1990 e 2000.

Na tentativa de conter a migração haitiana nos seus territórios, os EUA até procuraram desenvolver as indústrias de subcontratação no Haiti para forçar os tais emigrantes econômicos a ficar em sua terra natal. Infelizmente, o oposto aconteceu. Com certo crescimento e com maiores rendimentos, os trabalhadores tornaram-se mais capazes de viabilizar formas para escapar do Haiti.

Ao fim da década de 70, os fluxos migratórios eram tais que as autoridades norte-americanas praticamente forçou, em 1981, o então presidente Jean-Claude Duvalier a assinar um acordo que pretendia impedir o desembarque dos “*boat people*” nas praias de Miami. Mas os efeitos do contrato foram praticamente nulos. Pois na verdade, as autoridades haitianas preferiam que os seus cidadãos se aventurassem no estrangeiro, principalmente ali nos Estados Unidos, para que repatriassem os recursos, e assim o governo teria os ganhos desses dividendos movimentando as moedas internamente

Hoje, a comunidade haitiana está estimada em mais ou menos 1 milhão de pessoas, vivendo principalmente em Nova York, Florida, Massachusetts e New Jersey. Juntos, estes quatro estados respondem por 89% da comunidade nos Estados Unidos.

Em 2005, a Prefeitura de Boston publicou um relatório (Menino, 2007) que atestava Massachusetts tendo a terceira maior comunidade haitiana nos Estados Unidos, com uma população estimada em 40 mil haitianos; inicialmente concentrados nas regiões de Mattapan, Blue Hill Avenue, Roxbury, Dorchester e Hyde Park. Com o boom imobiliário dos anos oitenta e início dos anos noventa, se mudaram para os subúrbios. Hoje, não é raro encontrar bolsões de haitianos espalhados por toda a costa sul e áreas de Lawrence, Lowell, Framingham e Worcester.

Consta nesse relatório, nos últimos trinta anos, os haitianos têm desempenhado um papel diferenciado e coletivo na vida social, cultural e econômica do Estado de Massachusetts. Eles são muito ativos em suas igrejas e juntam numerosos cínicos para

trabalhos sociais ou de organizações de saúde. Constituem uma série de bem-estabelecidos, agências sem fins lucrativos e organizações profissionais que oferecem serviços que atendem uma ampla gama de questões, incluindo a advocacia, saúde, violência doméstica, educação, HIV/AIDS, diabetes, condição migratória, e habitação. Além disso, possuem mais de 20 programas de rádio e televisão, e uma mídia impressa para oferecer programas educativos e notícias políticas nas três línguas: em *créole*, francês e inglês.

Individualmente, os haitianos fazem incursões na área profissional, com muitos trabalhando em posições de alto grau em círculos acadêmicos, tanto como na faculdade ou em associações de estudantes. Os haitianos também ocupam cargos na polícia local, na saúde pública e privada, e nas profissões de negócios e transações bancárias legais.

Os haitianos começaram a se tornar mais visíveis no tecido político do Estado desde a década de 1990, organizados em comissões eventuais que promovem a educação e a participação dos eleitores. Como resultado, dois deputados estaduais de ascendência haitiana já foram eleitos na legislatura de Massachusetts desde 2000, e mais haitianos estão buscando ativamente cargos eletivos em vários outros Estados.

2.2.2 *Canadá*

O Canadá é outro destino popular da emigração haitiana. Ali, a comunidade haitiana está classificada com nota máxima em ordem de importância entre os grupos não europeus da população no país. Hoje, quase metade da comunidade é jovem; cerca 150 mil pessoas de ascendência haitiana vivem ali. A grande maioria (83%) vive em Montreal e boa parte (10-15 mil pessoas) em Toronto. Cerca de 30 mil cidadãos estão concentrados na província francófona de Quebec.

A estatística mostra que 90% daqueles que relataram origem haitiana estão centrados no Quebec. Esta comunidade tem a característica de não ser homogênea e ainda apresentam consideráveis diferenças tanto à diversidade de origens sociais de seus membros como as condições concretas e em que momentos históricos se integraram na sociedade quebequense.

Quase todos os canadenses de origem haitiana pode sustentar uma conversa em pelo menos uma língua oficial. Os haitianos também são únicos entre os novos

canadenses cuja maioria fala francês. Em 2001, 54% dos canadenses de origem haitiana poderia conversar apenas em francês, enquanto 42% eram bilíngues. Nessa comunidade, geralmente os indivíduos são relativamente bem instruídos. Mesmo não possuindo diplomas universitários, geralmente é provável que tenham frequentado ou concluído alguma forma de educação pós-secundário, não universitária, ou têm graus da faculdade comunitária.

Em termos de mercado, as estatísticas de emprego geralmente são pouco convidativas para os adultos de origem haitiana. Dados de 2001 mostraram que 57% dos haitianos maiores de 15 anos tinham emprego, em comparação com 62% de todos os adultos canadenses. Nisso, a mesma estatística mostrava que população ativa de origem haitiana tinha mais do dobro da probabilidade de estar desempregados do que a força de trabalho geral do Canadá. Assim, os rendimentos dessa comunidade são geralmente mais baixos do que o resto da população. Desta forma, esses configuram majoritariamente na população canadense classificada como vivendo em situações de baixa renda. Em 2000, 39% dos membros da comunidade haitiana estava em baixa renda, contra os 16% do total da população canadense nela (Statistics Canada, 2007).

2.2.3 *França*

A integração dos haitianos na França ocorreu de três formas diferentes: pelo mercado de trabalho, através de associações e de aquisição de nacionalidade.

Olhando para a estrutura do emprego, dos cidadãos haitianos na França, vemos que 70% dos homens são trabalhadores e 70% das mulheres são empregadas domésticas ou em cargos de assessoria. O último censo indicou uma força de trabalho de 13.323 pessoas para uma taxa de desemprego de 12,17%.

Em termos da nova nacionalidade e residência, de acordo com o demógrafo haitiano Bogentson Andre, o sentimento desses irmãos é um pouco sobre como proteger novos direitos. Neste movimento, 37% dos haitianos adquiriram a cidadania francesa em 1999. Em 2000, quase 2 mil cidadãos conseguiram a aquisição destes documentos; esta estatística pulou para quase 3 mil em 2005 (Collectif Haiti de France, 2012).

Historicamente, a França não foi a terra da emigração natural de haitianos. Em 1974, Roger Bastide, professor da Sorbonne, estimava que os imigrantes haitianos na

França não ultrapassavam a marca de 600 pessoas. Hoje, não menos que 100 mil haitianos vivem ali. Eles são entre 40-70 mil apenas na região de Île-de-France.

Além da França continental, outros territórios franceses acolhem haitianos:

- Mais de 8 mil vivem na Guiana;
- Cerca de 15 mil em Guadalupe;
- Cerca de 15 mil em St. Martin; e
- Mais de 5 mil em Martinica.

Haitianos vêm esperança na Guiana

A escolha “forçada” da Guiana pela situação da migração internacional, na verdade apresentava razões a posteriori, correspondendo a um estreitamento do espaço de emigração favorecido por um movimento cíclico que tinha ocorrido na década anterior.

Os primórdios explicam que a região de Aquino seria o motor da dinâmica migratória para a Guiana. As primeiras chegadas dos haitianos na Guiana foram organizadas por um francês produtor de óleo essencial a partir do vetiver na região. Ele decide desenvolver a atividade na Guiana em 1963 e leva trinta trabalhadores haitianos. Após problemas de diferentes ordens, deixaram o país mais ou menos um ano após a chegada. Em 1965, o promotor repetia a operação com 65 pessoas, mas a experiência também não vingou. Essa tentativa dobrada, transcendida através de uma tradição oral integrante, é tida hoje na região de Aquino um pouco como mito.

Tradicional país de imigração em razão da sua fraca população (1,3 hab/km²), Guiana francesa constitui um mosaico de comunidades, cuja a haitiana representa uma das principais. Após o “mito” da década de 60, chegaram de fato emigrantes haitianos em 1970, e depois desenvolvidos na década de 1980, para trabalhar no momento dos “grandes projetos” guianense. Esta população, inicialmente composta por trabalhadores do sexo masculino rapidamente fora feminizado com a política de reunificação familiar; jovens haitianos também foram encontrar parentes e frequentar as escolas na Guiana. Essa política permitiu que as famílias haitianas se instalassem definitivamente e ali se estabilizassem, aumentando assim o perfil social e demográfico de uma comunidade que já tinha deixado de ser discreta (Gorgeon *et al.*, 1986 apud Gallibour, 2007).

Depois de desenvolver procedimentos para a regularização de imigrantes ilegais na década de 1980, o governo optou na década de 1990 para reprimir sistematicamente os “novatos”. A partir daí, o Estado guianense intensificou os controles de fronteira e consolidou o seu dispositivo através do aumento do tamanho do exército, da polícia e gendarmaria. No entanto, este protecionismo não dominou o local que ainda é “poroso”, ligado a um contexto social e econômico particularmente atraente, pelo que a entrada ilegal de migrantes haitianos no território francês continua até hoje. Assim a participação dos haitianos ainda é bastante grande em relação a todos os outros grupos de imigrantes na Guiana; estão concentrados nas grandes cidades: Kourou, St. Laurent du Maroni e a ilha de Cayenne (Gallibour, 2007).

Aos poucos, quando crescia a imigração nos anos de 1980 a 1990, não demorou, os haitianos foram identificados repetidamente como responsável por problemas socioeconômicos que afloravam. Deve ser dito que a Guiana experimentou nesta década várias e sucessivas crises econômicas que afetaram todos os setores. Maior parte dos haitianos (geralmente trabalhadores comuns em interiores agrícolas ou florestais, em microempresas, lojas, restaurantes, e na construção) perderam seus empregos e suas condições de vida se deterioraram rapidamente. Os controles administrativos intensificaram-se, e até empregos não tão fiscalizados como jardineiro, domésticos ou caseiros tornou-se escasso. Sujeito à boa vontade dos seus empregadores, suas condições de trabalho tornaram-se cada vez mais precárias.

Nesta altura, as famílias haitianas que dependiam da regularização do trabalho declarado podiam receber benefícios sociais, o que começou a acontecer compulsivamente. Uma situação que contribuiu para estigmatizar essa população, tornando-a responsável por déficits (Gallibour, 2007).

Então, boa parte dos haitianos desempregados se uniram em pequenos grupos para comprar produtos no Suriname e Brasil, que revendiam no varejo dos mercados locais. Com tempo, estes produtos importados ilegalmente passaram a ser mais drasticamente verificada pela alfândega guianense, pelo que já eram acusados de concorrência desleal com os comerciantes e importadores locais.

Por outro lado, a comunidade haitiana estabelecida na ilha de Cayenne se dedicou à cultura da madeira, generalizando o corte de árvores ao redor da ilha. De fato, houve

um efetivo aumento do desmatamento dos morros colocando em risco a erosão do solo, ao que os imigrantes passaram a ser apresentados nos meios de comunicação locais, como os responsáveis pelos problemas ambientais ali (Gallibour, 2007).

Mas, é, sobretudo, o aparecimento dos casos de AIDS, que contribuiu nos anos 1980-1990, para fortalecer os processos de estigmatização sujeitos aos imigrantes haitianos na sociedade da Guiana. Na altura, difundiram-se teorias médicas que designavam os haitianos como disseminadores da doença, promovendo assim a deriva xenófoba e rotulagem do processo de propagação da epidemia.

Mas com o tempo, a AIDS em algum momento feito de verdadeiros bodes expiatórios dos problemas de integração desses imigrantes, o estigma dessas teorias têm apresentado baixo grau de aceitação social (Gallibour, 2007).

Imigrantes haitianos em Guadalupe, St. Martin e na Martinica

A maioria dos haitianos nestes três Estados vivem na pobreza, especialmente aqueles que estão em situação irregular. Estes se alojam com os outros haitianos, e com os seus trabalhos ilegais pagam a parcela de moradia ao seu compatriota. Alguns até dalihos hospedagem grátis em solidariedade ou por relações familiares. O mercado de trabalho ilegal dos migrantes haitianos compreende especialmente os canaviais, as plantações de banana, a horticultura e os alimentos, onde alguns vivem em cabanas ou barracas².

Alguns destes trabalhadores indocumentados nos disseram que costumavam trabalhar das 6 às 13 horas por um salário de 20 a 25 euros, ou das 6 da manhã às 18 horas por um salário de 30 a 40 euros por dia. Mas, normalmente, um dia de 7 horas de trabalho é pago 50 euros para os trabalhadores “com papel”. Pior, alguns empregadores os faz trabalhar durante meses, que deve ser entre 2-4 mil euros e se recusam a pagá-los. Quando eles insistem no que lhes é devido, estes empregadores sem escrúpulos ameaçam relatá-los para polícia das fronteiras. Assim, por medo da deportação, esses trabalhadores infelizes desistem do seu salário. Uma minoria dos haitianos, especialmente os residentes, trabalha na construção de edifícios e em pequenas empresas.

² Por causa da caça investida pela polícia de fronteira (PAF) surpreendentemente durante a noite em busca dos “sem papel”, alguns ilegais frequentemente usam essas barracas apenas durante o dia; e saem de noite para dormir na clandestinidade ou sob as árvores.

A estes são adicionados alguns profissionais haitianos que trabalham em diversos serviços sociais em Guadalupe. (Collectif Haïti de France, 2012)

Desta forma, os imigrantes haitianos contribuem com uma parte considerável da força de trabalho na economia de Guadalupe. Assim a presença desses trabalhadores na agricultura é necessária para Guadalupe. Caso se retirar toda esta força nos cortes da cana ou nas plantações de banana, haveria uma falha de mercado na agroindústria do país.

Ainda assim, os haitianos em Guadalupe estão sujeitos a diversos tipos de acusações. Por lá, as pessoas insistem em desvalorizar a presença da força de trabalho haitiana, discriminando até em privar que esses cidadãos gozem do benefício dos serviços sociais do Estado (escolas, serviços de saúde, segurança social, prestações familiares, habitação, etc).

Por outro lado, muitos de Guadalupe, em solidariedade com os “irmãos e irmãs” haitianos, têm a visão natural do sofrimento de uma gente que é forçada a deixar seu país por causa de problemas políticos e econômicos. São especialmente aquelas pessoas que os acolhem, apoiam a inserção no mercado de trabalho, e incentivam a preservação e difusão da cultura, sendo muito popular por lá especialmente a música tradicional haitiana, a arte e a prática da língua *créole*.

2.2.4 Caribe

Desencadeada a rota migratória de haitianos para o Caribe, hoje se estima que mais de 500 mil cruzaram a fronteira para cortar cana na República Dominicana, e cerca de 300 mil optaram por Cuba. Na América do Sul conta-se 75 mil, espalhados em vários países.

Imigrantes haitianos e dominicanos de ascendência haitiana na República Dominicana

Como mostrado na Figura 4, a vizinha República Dominicana é o segundo maior receptor de imigrantes haitianos. As relações entre os dois países têm sido tempestuosa por mais de século. A fronteira dominicano-haitiana foi fechada após o massacre de 1937 dos haitianos e ainda é cuidadosamente observado pelos respectivos exércitos. Isso, no

entanto, não impediu a migração clandestina ilegal. No início dos anos 1960 com os acordos de trabalho, 30 mil ou mais haitianos migraram anualmente para a safra de açúcar do vizinho. Desde então, muitos haitianos conseguem permanecer ali vivendo em condições miseráveis perto das propriedades para tentar encontrar trabalho informal ou na safra de café, então em ascensão, ou nos pequenos comércios das cidades.

Negados a nacionalidade dominicana, às vezes até para os seus filhos nascidos ali, os emigrantes haitianos ficam presos em uma pobreza, verdade seja dita, até “menos pior” da que conheciam das suas casas. Muitos desses emigrantes, das aldeias do sudoeste do Haiti, são homens adultos na faixa dos 20-30 anos preponderantemente analfabetos e não qualificados.

Em 1982, Informações da Sociedade Antiescravista para a Proteção dos Direitos Humanos alegam que existe um tráfico anual de 12 mil haitianos, que são vendidos no Haiti por US\$ 11 por pessoa e revendidos para as plantações dominicanas por US\$ 60 o indivíduo (Allman, 1982). O transporte desses haitianos estaria supostamente mancomunado com os guardas e exército dominicano da fronteira. Apesar do acordo sobre os trabalhadores migrantes assinados pelos dois governos em novembro de 1978, as condições de trabalho eram extremamente difíceis. Mas parecia que teria melhorias a partir de 1980, quando o jornal haitiano *Le Nouveliste* de 19 de dezembro de 1979 noticiava uma decisão do governo de recrutar 14 mil trabalhadores haitianos para a safra de colheita de cana-de-açúcar de 1980, e a criação de um grupo comum de inspeção haitiano-dominicano que teria representantes da Organização Internacional do Trabalho. Segundo relatórios publicados na imprensa local em 1980-1981, apenas um total de 6 mil haitianos foram oficialmente recrutados para a tal Safra 1980 (Allman, 1982).

Na ausência de dados oficiais confiáveis, estima-se que entre 500 mil e 1 milhão de haitianos vivem atualmente na República Dominicana. O Relatório Nacional sobre o Desenvolvimento Humano na República Dominicana para a PNUD (2005) considerou uma estimativa média 416 mil haitianos residentes no ano de 2003.

Como discutido, a maioria dos haitianos chegou lá numa altura em que milhares de trabalhadores eram contratados a cada ano na indústria dominicana de cana-de-açúcar. A atividade deste setor apresentou certo declínio na década de 1980, mas o fluxo de imigrantes haitianos, no entanto, não diminuiu tanto, uma vez que outros setores da

economia dominicana gradualmente se abriram para eles, como a indústria de construção, turismo, hotelaria, e restauração, instalações, produções e zonas de comércio localizadas perto da fronteira.

Por lá, também existem muitos haitianos na informalidade, trabalhando como empregadas domésticas, e outros fazendo suas vendas ambulantes e vivendo nas ruas da capital, Santo Domingo, e outras grandes cidades. A discriminação baseada na língua, etnia e nacionalidade é uma realidade histórica dos nativos para com trabalhadores haitianos e dominicanos de ascendência haitiana (Collectif Haiti de France, 2012).

Haiti em Cuba

A história da migração caribenha que remonta ao final de 1790, tem haitianos com marcante presença em Cuba. A cultura e o *créole* haitiano hoje ativo em Cuba começaram com a chegada de imigrantes haitianos no início do século XIX.

A revolução haitiana nos anos de 1791-1804 levou uma onda de colonizadores franceses a fugiram com os seus escravos haitianos para Cuba. Eles foram principalmente pelo leste, especialmente Guantánamo, onde mais tarde introduziram o cultivo de cana, construíram refinarias de açúcar e desenvolveram plantações de café. Em 1804, cerca de 30 mil franceses viviam em Baracoa e Maisi, os municípios do extremo leste da província. Assim, posteriormente, continuaram a entrar haitianos em Cuba para trabalhar como braceiros nos campos de corte de cana. Suas condições de vida e trabalho, não foram muito melhores do que escravidão. Apesar de terem planejado retornar para o Haiti, a maioria ficou em Cuba.

Durante muito tempo, muitos haitianos e seus descendentes em Cuba não se identificavam como tal ou falavam *créole*. Na parte oriental da ilha, muitos deles sofreram discriminação. Mas com o regime de Fidel Castro, desde 1959 quando tomou posse, esta discriminação enfraqueceu. Com isso, depois do espanhol, o *créole* é a segunda língua mais falada em Cuba; graças a aproximadamente 300 mil haitianos que se mudaram para ali nas últimas décadas.

É principalmente nas comunidades onde os haitianos e seus descendentes vivem que o *créole* é mais falado. Os demais entendem, mas com certa dificuldade. Além das províncias do leste, existem também comunidades das províncias Ciego de Ávila e

Camagüey, onde a população continua a manter *créole*, sua língua materna. Aulas em *créole* são oferecidas em Guantánamo, Matanzas e na cidade de Havana. Existe na capital Havana um programa e uma estação de rádio em língua *créole*.

Hoje, com estimativas que extrapolam para até 1 milhão de pessoas, os haitianos em Cuba, organizados por Associação de moradores haitianos e cubanos de ascendência haitiana, investem na difusão e valorização de sua cultura, principalmente suas músicas e ritmos tradicionais.

Cada onda de imigrantes haitianos para Cuba tinha suas próprias características distintas, e levaram consigo na viagem as fortes tradições musicais, danças, religião, rituais, costumes e hábitos culturais. Daí foi natural o surgimento de alguns projetos, bem sucedidos, que comemorasse e preservasse as suas marcas culturais. É o caso dos grupos Desandann³ e Ban Rrarra⁴, supervalorizados dentro e fora de Cuba e Haiti.

Migrantes haitianos em Bahamas

As relações estreitas entre o Haiti e as ilhas das Bahamas, que data desde que há homens no arquipélago, já foram uma fonte de tensão e conflito, mas também já ofereceu benefícios mútuos. Os nativos das Bahamas são da parte norte da ilha grande que Colombo mais tarde chamou de *Hispagniola*. Mesmo depois que ele se estabeleceu nas ilhas e ter desenvolvido a sua própria cultura, os migrantes traínos (povo que vivia na costa norte da ilha grande) mantiveram suas relações comerciais com seus primos e primas no Haiti, apesar do conflito armado no Caribe. Para escapar desses ataques, esse povo teria viajado desde o norte da ilha para a Bahamas, através das ilhas Turks e Caicos. Com o tempo, eles desenvolveram uma cultura distinta conhecida como Lucayan.

³ “Desandann” é composto de dez multifacetados músicos que tanto cantam como tocam uma variedade de instrumentos de percussão. Com reconhecimento internacional, o repertório do Desandann consiste em uma gama de arranjos corais com acompanhamento de percussão, incluindo Choucoune, um merengue haitiano, Toumobile Gran, uma Mazurka *créole*, e Moin Doudou, um merengue da Martinica.

⁴ Ban Rrarra é um grande grupo musical de raízes haitianas, originalmente do Oriente e agora com sede em Havana. Eles têm um repertório muito fortemente ligado à tradição *voodou*, com apresentações em alguns festivais internacionais.

Esta ida e volta entre o Haiti e a Bahamas, que durou desde o período colonial até o final do século XVIII, mostra que a migração haitiana para a Bahamas não tem sido sempre um “problema” ou um movimento migratório ilegal, como se tenderia a acreditar. É somente a partir do período revolucionário haitiano que a migração haitiana começou realmente a ser abordado como um problema para a Bahamas.

Da mesma forma como aconteceu para Cuba, as repetidas revoltas de escravos em Saint-Domingue fizeram muitos colonizadores refugiarem-se nas Bahamas. Este foi o primeiro dos fluxos migratórios substanciais de Haiti e os haitianos para a Bahamas (College of the Bahamas, 2005).

Graças às suas origens sociais, estes refugiados políticos foram, provavelmente, melhor tratados do que aqueles que, posteriormente, iria emigrar em massa para a Bahamas, pela política e socioeconomia do regime de Duvalier.

Nesta altura, entre 1957 e 1969, houve uma segunda onda de imigração em massa de haitianos e haitianas para a Bahamas. O número de imigrantes e imigrantes haitianos na Bahamas aumentou rapidamente de mil para 20 mil durante a ditadura do Papa Doc. Assim estimava-se que havia cerca de 40 mil haitianos ali em Bahamas ao fim de 1970; acreditando-se que houve duas levas dos 20 mil a cada ano. A maioria deles eram camponeses, analfabetos e proletários das cidades costeiras do norte do Haiti (College of the Bahamas, 2005).

Piorando a repressão e a situação econômica do povo haitiano com a chegada ao poder do Baby Doc, em 1971, causou mais uma vez o êxodo em massa, caracterizando o terceiro fluxo de haitianos para a Bahamas.

Durante os últimos 25 anos, a comunidade haitiana nas Bahamas aumentou consideravelmente. É difícil calcular o número de migrantes e imigrantes haitianos contrabandeados para a Bahamas uma que esses entrantes ilegais, naturalmente, cuidam para não deixar rastros das suas negociações. No entanto, esse número é atualmente estimado em 40 mil para uma população de cerca de 80 mil.

Esta elevada percentagem de haitianos e haitianas que entram ilegalmente no país é de certa forma acobertada política Bahamense que os mantém ilegalmente. A lei das Bahamas, no tocante à nacionalidade, prescreve o *Jus Sanguini*. As crianças nascidas nas Bahamas de pai não Bahamiano ou mãe não-Bahamiana, não adquirem automaticamente

a cidadania. Eles devem esperar completar 18 anos, para que possam iniciar o processo de solicitação de cidadania no escritório de imigração que, no caso dos haitianos, a tramitação do processo leva uma eternidade.

Este sistema discriminatório foi criado em 1973, ao que parece, para coibir o acesso de crianças de descendência haitiana nascidos nas Bahamas, à cidadania Bahamense; aproveitando daí para infringir pelo menos as cláusulas dos Direitos Humanos de estigmatização e marginalização contra esses cidadãos. Assim, os imigrantes haitianos que foram para a Bahamas, na esperança de melhorar suas condições de vida, têm sido desafiados a enfrentar o desprezo, exclusão, humilhação e desumanos repatriamentos policiais repetidos.

De acordo com o departamento de estatística de Bahamas, em 2002, 25% dos haitianos são trabalhadores domésticos; os restantes 75% se dedicam a outros trabalhos manuais pesados, como construção, agricultura e serviços de limpeza que os Bahamenses se recusam a executar. Consequência dessa estatística é a realidade de que a comunidade haitiana acaba vivendo em condições mais difíceis do que outros residentes do país.



Fonte: Caricatura sobre a política migratória do Brasil para haitianos (Ventura & Illes, 2012).

3 Imigração haitiana para o Brasil

Para reconstituir a história do fluxo migratório recente para o Brasil, devemos entender a relação Brasil-Haiti. Não muito diferente das relações culturais entre o Brasil e os demais países da América do Sul, as relações com o Haiti têm sido marcadas por um jogo de construção de identidades e de alteridades que se alternam ao longo do tempo, já que nos dois países tanto as elites quanto o povo vieram de fora – às elites, do sul da Europa, e o povo, predominantemente da África.

Em termos diplomáticos, Brasil e Haiti mantêm conjunturas desde 1928, ano em que foram abertas legações em ambos os países. Em 1954, o nível de representação foi

elevado ao de Embaixada, não havendo interrupção do relacionamento desde então. Mesmo durante o Governo de Raoul Cédras 1991/1994 – período em que a maioria dos países que mantinha Embaixada-Residente em Port-au-Prince fechou suas representações –, o Brasil, embora tenha retirado seu Embaixador, manteve sua Missão em funcionamento, ainda que em nível de Encarregatura de Negócios. Registra a história um Acordo Básico de Cooperação Técnica e Científica firmado em 15 de outubro de 1982, que somente entraria em vigor em novembro de 2004, através do Decreto no. 5.284, o que não caracteriza propriamente um quadro de relações sistêmicas, seja em nível formal (Valler Filho, 2007).

As relações intermitentes entre os dois países se devem, mais do que a trocas comerciais, à presença de alguns intelectuais e diplomatas que estabeleceram conexões relevantes entre suas elites. O discurso oficial sobre a construção da identidade entre Brasil e Haiti seria elaborado a partir de temas recorrentes como latinidade, mestiçofilia afro-americana, nacionalismo, anticolonialismo e anti-imperialismo e, principalmente, a partir de 2004, quando o relacionamento bilateral adquiriu feição mais definida, por ocasião da decisão brasileira de participar da MINUSTAH.

3.1 A crise haitiana de 2004

No final de 2003, iniciou-se uma grave crise no Haiti, que culminou, em fevereiro de 2004, com a renúncia do Presidente Aristide. Nessa altura a Força Interina Multinacional (MIF), aprovada às pressas pelo Conselho de Segurança da ONU, iniciava seu desdobramento em território haitiano. Sua atuação manteve a violência em níveis aceitáveis e trouxe alguma estabilidade ao país, evitando o total colapso das instituições. Simultaneamente, intensificaram-se as negociações, capitaneadas pela ONU e por outros atores internacionais (EUA e França, principalmente), com países como o Brasil que se interessou em participar da missão. Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança estabeleceu a MINUSTAH, amparada no Capítulo VII da Carta das Nações Unidas.

A MINUSTAH foi instalada como “missão multidimensional e integrada”⁵. O primeiro chefe da missão, Representante Especial do Secretário Geral (SRSG), foi o experiente e competente diplomata chileno Juan Gabriel Valdés. O componente de maior visibilidade é a Força Militar, cujo comando coube, até agora, a um General do Exército Brasileiro. Hoje, a Força Militar é comandada pelo General-de-Brigada Carlos Alberto dos Santos Cruz. O cenário encontrado e o cumprimento das tarefas obrigaram a Força Militar a envolver-se, desde o primeiro momento, nas mais diversas atividades, abrangendo quase todo o espectro de operações militares e de ações humanitárias⁶.

3.2 Desastres naturais no Haiti (2004-2010)

O Haiti, nos últimos anos, tem sofrido com as desgraças naturais, umas mais devastadoras que as outras. A mais recente e mais grave foi a passagem do terremoto medindo 7,3 graus na escala Richter que destruiu Port-au-Prince, a capital. Para compreender melhor o panorama que se passou no país, vamos recordar brevemente as grandes catástrofes que se abateram desde 2004, que também têm sido motivação para a fuga migrante recente dos haitianos.

Nas noites de 23 e 24 de maio de 2004, chuvas intensas desabaram sobre a região de Massif de la Selle (montanha sul do país) o que equivale a 70 milhões de metros cúbicos de água em um período de 24 horas. A cidade de Ford Verettes (ao norte) também sofreu com a tempestade. Deste episódio, somaram-se 1.191 mortos, 1.484

⁵ De forma genérica, a principal missão era assegurar um ambiente seguro e estável, que permitisse ao país voltar à normalidade institucional, retomar o estado de direito e realizar eleições livres, democráticas e transparentes. Com esse objetivo, a MINUSTAH devia apoiar o governo transitório do Haiti: na reforma e reestruturação da Police National d’Haïti (PNH); num abrangente programa de desarmamento, desmobilização e reintegração para todos os grupos armados ilegais; no monitoramento do respeito aos direitos humanos e na manutenção da ordem pública por meio de apoio operacional à PNH. Lamentavelmente, a MINUSTAH recebeu papel e estrutura limitadíssimos para coordenar as ações humanitárias e os projetos de desenvolvimento no Haiti (Pereira, 2007).

⁶ Muitas pessoas, inclusive alguns jornalistas, confundem o componente militar com a própria missão. Na realidade, à Força Militar cabe manter um ambiente seguro e estável, interagindo com os demais componentes da missão para que eles atinjam os objetivos previstos nos campos político e de direitos humanos (Pereira, 2007).

desaparecidos, 153 feridos, 16.900 afetados e mais 1.705 casas destruídas. Também sofreram sérios danos a agricultura e o meio ambiente, em um ecossistema já frágil.

Ainda em 2004, no dia 10 de setembro, o departamento de Artibonite e uma parte do departamento do noroeste foram severamente afetados pela passagem do furacão Jeanne. O resultado das enchentes subiu a mais de 2 mil mortos, cerca de 900 desaparecidos, cerca de 2,6 mil feridos, 300 mil pessoas afetadas e 5 mil casas destruídas. A cidade inteira de Gonaives foi afetada e toda população sofreu dos danos e das consequências diretas ou indiretas do fenômeno atmosférico (ONU, 2005).

Os anos que se seguiram, foram menos catastróficos. Ainda assim o país teve que enfrentar algumas enchentes antes do terremoto de 2010. Em julho de 2005, pelo menos 10 pessoas morreram e 500 famílias foram afetadas pelas enchentes registradas em St-Marc (ao norte), devido ao furacão Emily que se debateu em uma parte do Caribe. Houve, em 2006, inundações em três departamentos – Norte, Oeste e Nippes – resultando em 7 pessoas mortas, quatro desaparecidas, 10 feridas e 4.040 famílias seriamente afetadas, 317 casas destruídas, 617 casas danificadas (Comissão Europeia, 2007).

Em 2008, após a passagem de outros furacões no Haiti, as condições de vida tornaram-se caóticos, principalmente no Departamento de Artibonite. Vítima da passagem desastrosa de Hanna, a cidade de Gonaives foi a mais atingida com cerca de 500 mortes, centenas de casas destruídas, plantações totalmente devastadas, cabeças de gado levados e milhares de famílias afetadas. As pessoas careciam de tudo na cidade; elas queixavam-se da não chegada de ajuda de emergência, e estavam morrendo de fome e sede. Galão de gasolina vendido por 500 gourdes e diesel desapareceu completamente. A maioria dos postos de combustível estava danificada. De acordo com o prefeito da cidade, em algumas partes, a água chegou a 4 metros de altura. Recordando que em setembro de 2004 esta cidade já havia sido duramente atingida pelo furacão Jeanne, que quase destruiu a cidade. Desta vez, em três semanas, mais de 600 haitianos morreram após a passagem de quatro grandes depressões, Fay, Gustav, Hanna e Ike. Segundo a Organização das Nações Unidas, 800 mil pessoas precisavam de assistência humanitária urgente (Roudelin, 2008).

No dia 12 janeiro 2010, o Haiti conheceu a pior desgraça de sua história com do catastrófico terremoto, fazendo estragos inimagináveis em três departamentos (Oeste,

Sul, Nippes). Com prejuízos na ordem de bilhões de dólares, o Haiti precisa se reconstruir, particularmente Port-au-Prince. Numa cidade onde não há mais palácio que seja Presidencial, Judicial ou Legislativo. Onde muitos haitianos vivem até hoje em acampamentos sem saneamento, coleta de lixo, rede de água e esgoto.

Essas foram as condições ideais para a proliferação da cólera, doença transmitida pelo contato com água contaminada. Desde que surgiu no país em outubro de 2010, segundo dados oficiais do governo a epidemia de cólera no Haiti matou mais de 5.500 pessoas e infectou pelo menos 363 mil (Agência Lusa apud Agência Brasil, 2011).

A epidemia gerou revolta, principalmente no Norte do país. Grupos armados culpam soldados do Nepal por terem levado a doença ao país, depois que o relatório publicado pelo jornal Doenças Infecciosas Emergentes, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, associou a chegada da doença ao país por meio de militares do Nepal para a MINUSTAH.

3.3 A recente migração de haitianos para o Brasil

Um país que já era considerado socioeconomicamente um dos mais pobres das Américas, ainda teve que sofrer com os desastres causados pela natureza. Com a sua capital, seu símbolo e seu centro de todas as decisões Port-au-Prince devastada pelo terremoto, a população chora seus mortos, e mais do que nunca questiona sobre o futuro: *Kisa ki dwe ap tann nou demen? Kisa ki dwe pral passe nan jou kap vini yo? Kisa peyi nou na pral tounen la?*⁷

Se antes o problema do Haiti era político ou socioeconômico, agora, também, é a natureza que está se ralhando contra o país. Em condições sub-humanas, muitos haitianos têm saído do país e se refugiado em outras nações. A grande questão: ir para onde? Desta vez, o Brasil também está entre as rotas mais procuradas, principalmente pelos estados do Acre, Amazonas e Rondônia, dos quais os migrantes têm recebido apoio.

O Brasil está crescendo e ganhou destaque internacional para ser visto como oportunidade. No Haiti ainda mais por causa das forças brasileiras atuando no país. Logo alguns haitianos receberam de brasileiros encorajamentos para vir cá buscar o que lá não

⁷ Questionamentos em língua *créole*; traduzindo: *De que será feito o dia de amanhã? O que será que vai acontecer daqui para frente? O que vai ser do nosso país?*

tem, ou não tem mais. Assim, haitianos que por sua vez cansados de sofrer no seu próprio país, o país que os viu nascer, um país que não bastasse apanhar dos seus dirigentes ainda apanha das forças naturais, passaram a sonhar com o Brasil. Desesperados, alguns decidem deixar o país e aventurar noutro que ao contrário do seu Haiti, está próspero.

Antes de discutirmos as rotas legais e ilegais de que os haitianos se aventuraram no pós-terremoto, ou mesmo no pós-crise de 2004, vale muito ressaltar que antes mesmo destes, já existia um fluxo diferenciado de jovens haitianos para cá. Estes são estudantes que vêm a partir dos Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG) que os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores do Brasil mantêm não só com o Haiti, mas também com outros países em desenvolvimento, especialmente os da África e da América Latina.

Estes programas oferecem oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvidos pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades, o PEC-G seleciona jovens estrangeiros para realizar estudos de graduação e de pós-graduação nas universidades brasileiras públicas e privadas participantes. O aluno estrangeiro selecionado cursa gratuitamente e, em contrapartida, deve atender a alguns critérios, entre eles, provar que é capaz de custear suas despesas no Brasil e proficiência em língua portuguesa, no caso dos alunos de nações fora da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Os acordos determinam o compromisso de, após a formação, o aluno deve regressar ao seu país de origem e contribuir na sua área para o desenvolvimento local (Manual do PEC-G, 2004; Manual do PEC-PG, 2008).

3.4 Rotas de migração de haitianos para o Brasil

No geral, até 2010, a migração de haitianos que vinham para o Brasil eram estudantes em rotas legais tanto pelo programa de graduação ou pós-graduação. Nos

últimos cinco anos, só o programa PEC-G selecionou 41 jovens⁸: 12 em 2008, 8 em 2009, 11 em 2010, e 3 mais 3 em 2011 e 2012.

Hoje, dois anos após o terremoto que arrasou o Haiti, fundamentalmente motivados pelas oportunidades do bom momento econômico, e influenciados pela efetiva presença dos missionários brasileiros em Port-au-Prince, muitos habitantes da ilha ainda estão chegando maciçamente no Brasil, pelas rotas não legais. A viagem destes para o Brasil não é fácil. São pelo menos três meses de peregrinação pela América antes de chegar pela fronteira do Norte. Até Tabatinga, cidade amazonense distante 1.105 quilômetros da capital Manaus, os haitianos passam pelo Panamá, Equador e Peru. Uma viagem que custa mais ou menos US\$ 3 mil a cada um. No Haiti, muitos deles são aliciados por coiotes que prometem uma vida próspera em terras brasileiras, especialmente no polo de Manaus.

Em 2011, um haitiano foi preso acusado de aliciar compatriotas para trabalhar no Brasil, e um padre da igreja católica em Tabatinga estava sob suspeita de fazer parte de uma quadrilha internacional especializada em trazer esses haitianos de forma ilegal para cá (Lima, 2011).

Em Tabatinga, os haitianos esperavam pelo menos um mês por um visto provisório expedido pela Polícia Federal da região. Nem todos conseguiam. Nisso, em 2011, ano e meio pós-terremoto, apenas em Tabatinga chegou a ter quase 500 haitianos esperando pelo visto provisório como refugiados no Brasil. A preocupação com essa população, não só ali, como também na pequena cidade de Brasiléia, no estado do Acre, que chegou a receber mais de 500 haitianos só no mês de janeiro, o governo do Estado do Amazonas chegou ao ponto de mandar uma equipe da Secretaria de Saúde para fazer um trabalho de diagnóstico preventivo contra um possível surto de cólera. No local, a equipe médica não detectou foco da doença.

⁸ Repare que estas são estatísticas do DCE (Divisão de Temas Educacionais – disponível em <<http://www.dce.mre.gov.br/>>) e da SESU (Secretaria de Educação Superior – disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu>>) que contam jovens que foram apenas selecionados para o programa nos anos correspondentes, não significando que todos chegaram a vir ingressar nas universidades. Sem acesso a dados oficiais, mas o grupo “Universitários Haitianos que vivem no Brasil” na rede social Facebook tem 41 membros.

Segundo as autoridades de Tabatinga, na altura, os haitianos não provocavam tumulto, mas muitos deles se concentravam na atividade informal. Alguns deles ingressaram nessa atividade apenas para conseguir levantar dinheiro suficiente para chegar até Manaus. Em Manaus, são abrigados pela Igreja Católica.

Por vários serem evangélicos, a igreja Assembleia de Deus também tem se mobilizado na região para acolher os haitianos, sendo que alguns até trouxeram cartas de recomendação de seus pastores (Damasceno, 2012).

Geralmente, absorvidos pela alta demanda de pessoal criada pela expansão da economia brasileira, encontraram emprego com facilidade em Manaus, trabalhando como operários na indústria de base e construção civil e recebendo um salário mínimo. Entre eles, há pessoas de todos os perfis. Muito deles têm cursos superior e falam, pelo menos duas línguas. Mas há casos mais inusitados. Tem um caso, segundo a Pastoral do Migrante, chegou a Manaus um jogador da seleção haitiana de futebol que também deixou a ilha em busca de emprego no centro industrial, que concentra algumas das maiores multinacionais em operação no Brasil (Lima, 2011).

A Resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg)⁹ definiu-se que a embaixada do Brasil no Haiti passaria a conceder cem vistos de trabalho ao mês para haitianos que quisessem entrar no país.

Paralelamente, a Polícia Federal passou a barrar haitianos sem visto nas fronteiras. Um grupo de 273 haitianos que partiu sem a permissão de entrada, ficou bloqueado na cidade peruana de Iñapari, fronteira com o município de Assis Brasil, no Acre. A espera durou quase três meses, quando finalmente os 245 que ainda ali estavam foram autorizados pela administração da presidente Rousseff.

Para chegar à fronteira, o grupo enfrentou uma longa viagem desde a capital haitiana, Port-au-Prince. A rota se iniciou com um voo até a República Dominicana, seguido por outro até o Panamá e mais um até o Equador. De Quito, capital equatoriana, os haitianos seguiram de ônibus até a Colômbia e, finalmente, ao Peru, de onde viajaram

⁹ Esta Normativa entrou em vigor na data de sua publicação em 12 de janeiro de 2012, e pode ser consultado através do website do Ministério do Trabalho e Emprego, disponível em <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>>, acessado em 18 jun. 2012.

até a fronteira com o Brasil. O deslocamento levou quatro dias e consumiu grande parte das economias dos migrantes.

Outros migrantes e imigrantes haitianos passaram por Chile e Bolívia, ou por outras vias (Argentina, por exemplo), na vasta região sul-americana, para chegar ao destino final, o Brasil. Segundo o Ministério da Justiça, desde 2010, contam-se cerca de 4 mil haitianos que entraram no Brasil, dos quais 1,6 mil já estão anistiados pela Resolução nº 97/2012 do CNIG. A maioria está nos Estados do Acre e Amazonas, mas já estão sendo distribuídos por oportunidade em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal (Portela, 2012; Sarres & Massali, 2012; Souza, 2012).

Segundo a embaixada do Brasil em Port-au-Prince, tem havido grande procura de haitianos interessados em obter o visto, mas exigências burocráticas barram uma maior concessão de permissões. Para se candidatar à permissão, o postulante deve ter passaporte em dia, ser residente no Haiti (o que deve ser comprovado por atestado de residência) e apresentar atestado de bons antecedentes. Com todos os documentos em mãos, deve ainda pagar US\$ 200 para a emissão do visto.

Ultimamente, no mês de maio, circulou-se a notícia de que os coites ainda têm conduzido mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru. Um artigo do repórter acreano, Altino Machado, ao Blog da Amazônia, expõe otimamente as entrelinhas desta nova situação (Box 1).

Na versão eletrônica deste trabalho, disponibilizamos no Anexo 1 uma listagem nominal de cidadãos haitianos com Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/Sistema Nacional de Justiça/Ministério da Justiça publicados nas edições do Diário Oficial a partir do dia 28 de abril de 2011 atualizado até a edição de 25 de junho de 2012.

Box1 Extrato de uma reportagem sobre novos migrantes haitianos que chegaram à fronteira com o Peru, em maio de 2012, para tentativa de entrada ilegal no território brasileiro.

TERRA MAGAZINE

Blog da Amazônia

15/05/2012

Altino Machado

Acreano, ex-repórter dos jornais O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo

“Coiotes” conduzem mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru

Conduzido por agentes de rede de tráfico de pessoas, mais conhecidos como coiotes, um novo grupo de 60 imigrantes haitianos se formou nas últimas duas semanas na peruana Iñapari, na fronteira com Assis Brasil (AC), de acordo com relatos de ativistas de direitos humanos da região.

Outro grupo, de 56 haitianos, conseguiu furar uma barreira mantida pela Polícia Federal em Assis Brasil e ingressou em território brasileiro. Os haitianos foram identificados e notificados pela PF a deixarem o País.

- Esses imigrantes são haitianos que viviam em Cuba, Panamá, República Dominicana, Colômbia, e Equador. É diferente do primeiro grupo, cuja entrada foi autorizada porque de fato partiu do Haiti com destino ao Brasil. Apesar de irregulares, estamos dando assistência humanitária integral, o que inclui alimentação e hospedagem – disse o secretário estadual Nilson Mourão, de Justiça e Direitos Humanos.

Segundo o secretário, mais de dois mil haitianos que conseguiram trabalho no Brasil no último ano começaram a fazer remessa de dinheiro para seus familiares no Haiti.

- Quem conseguiu se estabelecer com trabalho está avisando aos parentes espalhados por vários países que a situação aqui é muito boa. Agora cabe ao Ministério da Justiça decidir o que fazer com os 56 haitianos que estão no município de Brasiléia – acrescentou Nilson Mourão.

Segundo relato do padre René Salízar, principal ativista de direitos humanos em Iñapari, existe uma “máfia” que está operando na fronteira de Águas Verdes (Peru) com Guaquillas (Equador).

- Os haitianos me disseram que estão pagando entre US\$ 200 e US\$ 250 pelo carimbo de imigração para entrar no Peru. No Equador atua um haitiano e do lado do Peru um peruano. Os haitianos não comparecem fisicamente ao escritório de imigração. Pedem os passaportes e os entregam já carimbado – afirma Salízar.

Segundo o pároco de Iñapari, o curioso é que todos os passaportes trazem no carimbo a data de 12 de janeiro, com permissão para 180 dias. O dia 12 de janeiro foi quando o governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos e determinou reforço policial para impedir que os haitianos de ingressarem a partir das fronteiras com a Bolívia, Colômbia e Peru.

- Estão dizendo que o ingresso no Brasil está liberado. Talvez, de maneira organizada, podemos fazer algo para que não continue chegando mais haitianos com esperança de ingressar no Brasil. Penso que devemos convocar uma reunião de direitos humanos. Eu não conto nem com um centavo para organizar o encontro. Talvez poderiam organizar do lado brasileiro – sugere René Salízar aos seus parceiros no Brasil.

O padre é uma das únicas pessoas que ainda se mantém preocupada com a situação dos haitianos em território peruano. Ele disse que os imigrantes haitianos já começam a passar fome. Sem dinheiro para pagar hotel, estão abrigados na igreja católica de Iñapari, que sequer dispõe de banheiros adequados e colchões suficientes.

- Na minha avaliação, a situação é muito preocupante porque está evidente que existem coiotes autuando na fronteira do Equador com o Peru, cobrando caro e mentindo para os haitianos quando dizem que a entrada no Brasil está liberada – disse por telefone ao **Blog da Amazônia** o pesquisador Foster Brown, da Universidade Federal do Acre, que está em Ibéria, no Peru.

4 Imigração haitiana na mídia brasileira

Muitos não gostam de ter seu país invadido por “refugiados”, não gostam de ver seus espaços sendo ocupados por “invasores” ou mesmo “exilados”, pior ainda quando são pobres trazendo mais problemas que soluções. Esta uma é visão que definitivamente está difundida dessas críticas migratórias, principalmente as ilegais.

Foi assim que a imigração haitiana fez seu impacto na mídia brasileira, em meio às numerosas manchetes dedicadas à entrada desses imigrantes pelo Norte. Compartilhando, de certa forma, desta visão o governo brasileiro decidiu fechar a sua fronteira, quebrando a tradição do país como terra hospitaleira.

As autoridades governamentais, pressionadas pela magnitude deste novo fluxo migratório, decidem, então, adotar novas medidas controladoras. Desde janeiro o Conselho Nacional de Imigração estuda propostas de lei para limitar a concessão de vistos. Hoje, aqueles que desejam trabalhar no Brasil devem solicitar autorização na Embaixada em Port-au-Prince; os que chegarem ilegalmente deverão assumir o risco de deportação.

Enquanto isso, o governo anunciou que regularizaria a situação dos cerca de 4 mil haitianos que já tinham entrado no Brasil fugindo da situação econômica. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, depois de uma reunião com a presidente Dilma Rousseff, e os ministros das Relações Exteriores, do Desenvolvimento Social e da Casa Civil, no Palácio do Planalto, anunciou que, emitiria vistos que permitirão permanência por cinco anos, assim como autorizaria carteira para atividade de trabalho regular. O governo também decidiu que os haitianos não poderão entrar no país na condição de refugiados políticos, por decisão do Conselho Nacional para os Refugiados (Conare), que havia negado os pedidos de entrada no país nessa condição. Nas palavras do Ministro Cardozo: “O Conare entendeu que não é caso de refúgio político e sim de vulnerabilidade econômica” (Agência Brasil, 2012).

Assim, nesta problemática, os haitianos acabam como personagens involuntários da mitologia de um povo supostamente simpático e gentil com os que vêm de fora.

BOX 2 Algumas manchetes de mídias nacionais sobre o recente fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil.

CORREIO BRAZILIENSE | **BRASIL**
Brasília, domingo, 17 de junho de 2012

Centenas de refugiados do Haiti desembarcam no Brasil em busca de emprego

Publicação: 13/03/2011 10:04
Daniel Camaros
Maria Clara Prates

Brasil quer conter imigração haitiana

Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti

Recomendar 182 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Sobe para 1.400 o número de haitianos em Brasileia. Maioria é de profissionais qualificados

CLEIDE CARVALHO
Publicado: 1/01/12 - 23h00
Atualizado: 1/01/12 - 23h48
Curtir 182
Tweet 53
Compartilhar 4
Email 17



Haitianos se reúnem em praça na cidade de Brusilia, no Acre
ALEXANDRE LIMA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (18:00) • Flamengo sofre mas vence os reservas do Santos

MAIS EM PAÍS No Congresso, deputados do baixo clero operam 'balcão' para negociar emendas
Em Pernambuco, Ministério Públco e Tribunal de Contas fazem cruzada contra maus...
Cach super em c

Brasileia pede ajuda para manter imigrantes que chegam em massa

Você está em [Notícias > Internacional](#)

São Paulo vira 'terra prometida' a haitianos

Em busca de oportunidades, refugiados cruzam países até chegar à capital paulista
12 de janeiro de 2012 | 3h 05

Notícia Comentários 47 Assine a Newsletter

Controle migratório de haitianos no Brasil gera debate

Proposta do Ministério da Justiça, que prevê concessão controlada e formal de vistos haitiano aprovada nesta quinta-feira, quando se completam dois anos desde o terremoto.
12 de janeiro de 2012 | 6h 42

Notícia Assine a Newsletter

Blog da Mazé » Sem categoria
O Haiti não é aqui!

Publicado Quinta-feira, 26 Janeiro, 2012 . 9:13 hs (250) comentários
Por Mazé Mourão

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (18:03) • Vasco empata com Palmeiras e se mantém líder do Brasileirão

'O Haiti e os homens maus de lá e de cá'

Recomendar Seja o primeiro de

ARTIGO DO LÉITOR SILVIO TELES
Publicado: 14/01/10 - 0h00

Muito mais que ação indomada das forças da natureza, o Haiti sangra, h...
uma dor de séculos de desgoverno, desrespeito à população e de ditadur...
e golpes de Estado que impediram o país de manter o título que alcançou...
no inicio do século XVIII, de a "Colônia mais próspera do Novo Mundo".

POLÍTICA
O Haiti tem de ser aqui
Carlos Brickmann

Um cidadão branco, procurado pela Polícia, condenado pela Justiça de seu país, entra no Brasil ilegalmente, com documentos falsos, e ganha o direito de ficar. Cidadãos negros, trabalhadores, vítimas da miséria e de uma terrível tragédia no Haiti, estes só entram a conta-gotas, ao ritmo de 90 pessoas por mês.

[b está em Notícias >](#)

morim pede nova política a imigrantes pós entrada de haitianos

10 de janeiro de 2012 | 16h 31

Notícia | Assine a Newsletter | Recomendar | Seja o primeiro de

ITERS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS [\(18.00\) - Euro sobe após resultado de eleição grega](#)

MAIS EM PAÍS [No Congresso, deputados do baixo clero operam "baile" para negociar emendas...](#)

Em Pernambuco, Ministério Pú

Missão brasileira no Haiti já custou R\$ 1 bilhão ao governo

Recomendar 33 pessoas recomendaram

Tropas estão no país caribenho desde criação da Minustah, em 2004, mas começam a se retirar

Você está em Notícias > Política

Conselho de Imigração aprova restrição à entrada de haitianos

No dia em que se completam dois anos desde o terremoto, governo reduz para cem o número mensal de vistos a haitianos que queiram emigrar ao Brasil.

12 de janeiro de 2012 | 16h 24

Notícia | Assine a Newsletter | Recomendar | Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.

BBC BRASIL

COBERTURA ESPECIAL - FRONTEIRAS - GEOPOLÍTICA

Brasil fecha fronteiras para conter "invasão" de haitianos

Brasil vai aumentar fiscalização e exigir visto; os 4 mil que estão aqui serão regularizados

Amazônia

Sobre Opinião Notícias Multimídia Agenda Documentos Contato

Home » Newsletter, Notícias » Fluxo zero de haitianos

Fluxo zero de haitianos

17 de janeiro de 2012 Postado por Site em Newsletter, Notícias [Nenhum Comentário](#)

Desde que o governo adotou medidas para conter a entrada dos caribenhos no país, refugiados passaram a evitar a fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia

[Recomendar](#) 50 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

CHOCO DE GOIÁS, ENVIADO ESPECIAL

Postado: 4/02/12 - 20h31 Atualizado: 4/02/12 - 20h31

Declaração de Dilma no Haiti faz procura por vistos aumentar

Durante viagem, presidente foi à TV falar sobre imigração e procura na embaixada cresceu

PORTO PRÍNCIPE - Quando a TV local exibiu, na manhã da última quinta-feira, reportagem com a presidente Dilma Rousseff falando que os haitianos que quisessem viajar ao Brasil poderiam tentar um visto de residência permanente na embaixada brasileira em Porto Príncipe, o carpinteiro e estudante de Teologia Joel Dorlean, de 38 anos, viu ali uma oportunidade.

CORREIO BRAZILIENSE | BRASIL

Brasília, domingo, 17 de junho de 2012

CAPA BRASIL / ECONOMIA / POLÍTICA CIDADES DF MUNDO DIVERSÃO E ARTE DIVERTA-SE C CORREIO DIGITAL SUPER ESPORTES EU, ESTUDANTE RIO+20 VÍDEO ÁUDIO GALERIAS BLOGS IN

TAMANHO DA LETRA ENVIAR IMPRIMIR CORRIGIR

(2) Comentários Votação:

Concessão de vistos para haitianos no Brasil só atendeu 30% da cota

Agência Brasil

Publicação: 01/03/2012 08:44 Atualização:

Você está em Notícias > Política

Barrados, haitianos dormem em praça no Peru à espera de decisão do Brasil

Mais de 200 profissionais qualificados estão na Amazônia peruana à espera de abertura da fronteira com o Acre

29 de março de 2012 | 6h 45

Você está em Notícias > Internacional

Peru admite pressão do Brasil para pedir visto a haitianos

Medida, que entrou em vigor há um mês, tem como objetivo dificultar a chegada de imigrantes ilegais ao País

12 de junho de 2012 | 3h 02

De fato, à altura do segundo aniversário do devastador terremoto haitiano, o governo brasileiro anunciava uma série de medidas ainda mais severas para coibir a já difícil entrada desses no país. Criando um perverso precedente, é a primeira vez, desde a 2ª Guerra, que se impede a uma nacionalidade específica solicitar a proteção do refúgio.

Canais oficiais e semioficiais de divulgação foram mobilizados para reempacotar medidas que vinham sendo preparadas para reforçar a seletividade migratória no Brasil como se fossem uma resposta imediata à vexatória cobertura da imprensa internacional sobre a situação calamitosa dos haitianos impedidos de deixar a região fronteiriça. Dentro ou fora do país, poucos acreditaram na narrativa oficial que apresentava restrições arbitrárias como se de concessões generosas se tratasse – critica os cientistas sociais Thomaz & Nascimento (2012).

Os especialistas criticam que o tumulto pela entrada dos 4 mil haitianos no país ao longo dos últimos dois anos é, no mínimo, caricatural, tendo em vista não somente o volume em dezenas de vezes maiores de imigrantes europeus no mesmo período, mas também a dimensão centenas de vezes mais amplas da diáspora haitiana em outros países da América Latina. Os pesquisadores argumentam ainda que o Brasil nunca foi e segue não sendo destino preferencial de uma migração cuja dinâmica o Itamaraty e outros ministérios insistem em ignorar. Há mais de 2 milhões de haitianos espalhados por dezenas de países em três continentes, todos abrigando comunidades consideravelmente maiores e infinitamente mais bem acolhidas que no Brasil.

No artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, os professores Thomaz & Nascimento (2012) lembram que logo após o terremoto, apoiando-se numa opinião pública francamente solidária, o governo brasileiro havia anunciado projetos ambiciosos de intercâmbio e formação de quadros haitianos em áreas estratégicas como a saúde e a educação, para os quais dotações orçamentárias foram rapidamente aprovadas, mas também afirmam que a execução nunca aconteceu.

Além destas, neste mesmo artigo, Thomaz & Nascimento (2012) tecem algumas outras críticas sobre as atuações e comportamentos do governo brasileiro frente aos problemas do Haiti. Implicitamente, fica a sensação do conhecimento de causa e de levantamento de informações para sustentar as situações abordadas por eles:

“Em fevereiro de 2010, com grande fanfarra se anunciou que o Brasil ofereceria pelo menos 500 bolsas a estudantes da rede universitária haitiana, atingida de modo particularmente devastador pelo terremoto. Por todo o Brasil, universidades se ofereceram para recebê-los. Era crucial que viessem rapidamente, pois suas faculdades estavam em ruínas, seus estudos paralisados e a continuidade de sua formação seria decisiva para a reconstrução. Numa irônica coincidência, foram também quase 4 mil os estudantes que se candidataram no que teria sido o maior programa de intercâmbio internacional da história da educação brasileira. Somente mais de um ano e meio após a tragédia é que, as duras penas, foi possível trazer, dos 500 anunciados, não mais que 80 estudantes, alguns dos quais já tiveram sua bolsa cancelada ou limitada, sem que o Ministério da Educação tenha sido capaz de oferecer quaisquer garantias de continuidade do programa.”

“Também na área da saúde, havia sido anunciada a construção de dez Unidades de Pronto Atendimento em Porto Príncipe, dotadas de anexos para a formação de agentes comunitários. Deveriam entrar em funcionamento ainda em 2010. Nenhuma sequer foi construída e apenas uma equipe haitiana formada por um médico e duas enfermeiras esforça-se por atuar sem sede definida. [...] Nas fronteiras brasileiras não é diferente: a missão sanitária enviada há pouco chegou com dois anos de atraso, tarde demais para Carmelite Baptiste, de 30 anos, que morreu de dengue, doença inexistente no Haiti.”

Sendo verdade tais alegações, seria válida a crítica de que esses projetos iniciais não obstante serviram para dar imensa visibilidade ao governo brasileiro, blindando a opinião pública brasileira de informações fiáveis e negar aos haitianos a possibilidade de falarem por si. A verdade é que muitos desses migrantes econômicos possuem sólida formação educacional, com curso secundário, técnico ou mesmo superior, dispostos a dar o melhor de si para enviar recursos a suas famílias no Haiti. Assim como tem casos de haitianos que aqui potencializaram as suas qualificações, e atualmente há profissionais haitianos contribuindo efetivamente para a consolidação da economia brasileira, entre eles alguns atuando no ensino e pesquisa¹⁰.

Porém, acabaram por se transformar em personagens de um universo institucional que, segundo Thomaz & Nascimento (2012), revive uma tradição nacional tão antiga

¹⁰ Este é o caso, por exemplo, do professor André Yves Cribb. Depois de se formar Engenheiro Agrônomo (1982) e Economista (1983) no Haiti (UEH- Université d'Etat d'Haïti), veio para ser Mestre em Desenvolvimento Agrícola pela UFRRJ (1994) e depois se tornou Doutor em Engenharia de Produção também pela UFRJ (1999). Foi para França e voltou Pós-Doutor para, hoje, ser pesquisador da Embrapa, professor de pós-graduação da UFRRJ e consultor científico ad-hoc (FAPEMIG e FAPESP).

quanto infame: a do favorecimento da imigração, sim, mas com alta seletividade, ao longo de uma história em que aos negros estrangeiros só se abririam as portas enquanto chegassem pelos porões do cativeiro.

4.1 Controle da fronteira

Com a publicação da Resolução nº 97/2012 do CNIg:

O ministro José Eduardo Cardozo disse que governo buscava ordenar o fluxo de haitianos ao país. “Não podemos concordar que seja uma situação absolutamente sem nenhum controle”. Ele disse ainda que, com a medida, os haitianos ficariam menos vulneráveis à ação de atravessadores (também chamados de coiotes), que cobram para transportar migrantes sem vistos, muitas vezes submetendo-os a riscos e condições degradantes. (BBC Brasil, 29 mar. 2012)

Para o Secretário Nacional de Justiça, Paulo Abrão, essa decisão é importante, pois reafirma o compromisso do Brasil em acolher e dar uma resolução integral ao caso dos haitianos. “Migrar é um direito humano e temos responsabilidade especial com os haitianos, por isso era necessária uma medida complementar e simplificada para atender essa demanda remanescente, não prevista anteriormente”. (Portal O Estrangeiro, 10 abr. 2012)

Mesmo sob tais justificativas humanitárias, em virtude do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto de 2010, a ação foi criticada por ativistas de direitos humanos, que a classificaram como uma tentativa do governo de restringir a entrada de haitianos. Para a coordenadora de direitos humanos da ONG Conectas, Camila Asano, a medida não considerou os haitianos que estavam em trânsito quando ela foi adotada, deixando-os em situação de “extrema vulnerabilidade”. Ela cobrava que o governo detalhasse como estava divulgando a Resolução entre potenciais beneficiários haitianos, uma vez que nem mesmo o website da Embaixada brasileira em Port-au-Prince faz qualquer menção à Resolução¹¹. Tanto é que no primeiro mês em que passou a vigorar, a Embaixada concedeu apenas 30% da cota prevista

¹¹ De fato, não tem qualquer da divulgação da Resolução nº 97/2012 do CNIg que admite as 1,2 mil /ano permissões de imigração para o Brasil. Foi verificado no website da Embaixada do Brasil no Haiti <<http://www.bresil-ht.org/site/>>, acessado em 18 jun. 2012.

(Correio Braziliense, 2012). A embaixada até tentou se justificar dizendo que alguns dos contemplados levarão parentes consigo; mas estes não entram no cálculo, já que cada visto vale para uma família – argumenta a ativista.

Desta forma, além das dificuldades burocráticas, o desconhecimento sobre a Resolução que permite a emissão de 1,2 mil/ano vistos permanentes a haitianos, é um entrave à maior concessão de permissões. Em visita ao Haiti em fevereiro, a presidente Dilma Rousseff cobrou que a medida seja mais divulgada aos haitianos.

Quando a TV local exibiu, na manhã da última quinta-feira, reportagem com a Presidenta Dilma Rousseff falando que os haitianos que quisessem viajar ao Brasil poderiam tentar um visto de residência permanente na embaixada brasileira em Porto Príncipe, o carpinteiro e estudante de Teologia Joel Dorlean, de 38 anos, viu ali uma oportunidade. Imediatamente, telefonou para o amigo Joel Louissaint, de 34, técnico aduaneiro, e o convidou para, no dia seguinte, procurarem mais informações. Mesmo sem um planejamento de quando, onde e como, os amigos só têm uma certeza: querem emigrar para o Brasil. E não querem se submeter às ações predatórias dos coiotes que, além de explorarem as vítimas, ainda as expõem à falta de segurança. Por isso souo tão tentadora a declaração de Dilma como garota-propaganda de um eldorado só conhecido pelos haitianos por causa do futebol e da ação das tropas brasileiras na manutenção da paz e na reconstrução do país. (Trecho da reportagem do enviado especial, Chico de Gois, Jornal O Globo online, publicado em 04 fev. 2012)

No entanto, no meio do vislumbre de esperança, persistem áreas cinzentas sobre esta nova vida que eles começam em um país que não têm tradição de migração haitiana. Avalia-se primeiro, a atuação “humanitária” desse mesmo governo negando categoricamente o acesso a seu território à cada centenas de haitianos, incluindo mulheres grávidas e crianças. Depois, avalia-se, a espera de quase três meses que durou a liberação para o grupo que esteve na fronteira peruana-brasileira. Lembrando que o governo brasileiro só se flexibilizou após intensa pressão dos prefeitos locais, peruanos e brasileiros não governamentais, organizações de direitos humanos e até associações.

4.2 Haitianos entre refúgio e imigração

Naturalmente, além das estatísticas, pronunciamentos e cobertura do recente fluxo de cidadãos haitianos para cá, tem uma parte da mídia nacional, digamos uma mídia

“mais interessada”, que acompanha as discussões que acontecem paralelamente sobre as representações e reflexões das categorizações desta problemática.

Um artigo de Barata & Carolina (2012), publicado em abril pelo portal O Estrangeiro, cobriu uma mesa redonda sobre a questão dos refugiados e a migração econômica de haitianos no Brasil, promovida pela Fundação Casa de Rui Barbosa¹². Abordando a temática dos refugiados e direitos humanos no Brasil, a professora Batista contextualizou os migrantes haitianos no universo dos fatores que levam à migração, sendo estes os cataclismos, invasões de colonizadores e a migração forçada. Sintetizou tal questão com “Assim somos todos imigrantes”. Argumentando que o fenômeno migratório se dá através de duas principais vertentes: o migrante voluntário, que busca melhores condições de vida e que tem vínculo empregatício reconhecido pelo poder público, e o migrante forçado, aquele que foge de seu país em busca de condições de vida mais dignas.

A professora explicou que não podemos confundir o migrante forçado com o refugiado, pois este último é reconhecido pelo governo do país que o acolheu como tal. O que implica uma série de direitos e deveres prescritos em tratados internacionais, como a Convenção de Genebra de 1951, a qual regula os status legais dos refugiados. Nesta análise Batista destaca que o caso dos haitianos talvez devesse seguir pela lógica de casos especiais de refugiados naturais – aqueles que são forçados a deixar seu local por motivos de catástrofes naturais – que não estão previstos na Convenção de Genebra.

“Diferentemente do que as pessoas imaginam e do que é exibido na mídia não existe essa avalanche de haitianos no Brasil” ressaltou Paulo Sergio de Almeida (Presidente do CNIg, Ministério do Trabalho e Emprego). A raiz do movimento foram as questões ambientais no Haiti, mas a questão econômica está bastante ligada. Os haitianos recém-chegados são tratados como refugiados, mas na realidade não são. Eles utilizaram essa válvula de escape, se apresentando assim, pois dessa forma a entrada no Brasil seria mais simples e mais fácil. Mas o imigrante haitiano não é refugiado, e também não é um imigrante

¹² Eu mesma assisti a estas palestras, e no final, ainda troquei algumas impressões sobre as ideias tratadas neste trabalho com a professora da UFRJ, Vanessa Oliveira Batista; que é pesquisadora em direitos humanos da Faculdade Nacional de Direito- UFRJ. Participaram da mesa, esta professora e também o pesquisador do setor de Direito da Casa de Rui Barbosa, Charles P. Gomes.

econômico, isso se deve ao fato de que o nosso país ainda é dotado de uma regulamentação nacional que defina o imigrante. (Pantaleão, 2012)

Esta discussão é pertinente quando o governo brasileiro tratou de categorizar os vistos humanitários à massa de haitianos, depois de alegadamente se “complicar” com a Lei 9.474/97 que define os mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 da ACNUR (“Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados”, criado pela Convenção).

Nesta complicação, destacam-se as críticas da suposta “política” de seletividade dos imigrantes para o Brasil. No seu artigo intitulado “O Haiti não é aqui, nem ali” o pesquisador de Direitos Humanos e Direito de Refúgio, Toledo (2012), reclama que no momento em que o governo brasileiro decide limitar a entrada de haitianos, o número de portugueses e espanhóis migrando para o Brasil não para de aumentar. Recordando que além dos haitianos há um número imenso de estrangeiros de diversas nacionalidades engrossando o atual fluxo migratório para o Brasil, o pesquisador acusa que a chegada da denominada “mão-de-obra qualificada” – que, ressalte-se, migra também fugindo da crise do trabalho – é incentivada pelo governo e, celebrada pelas grandes empresas e pela mídia. Admite que de fato não há como negar a importância do trabalho qualificado, mas aponta ainda que, por outro lado, será difícil para o governo defender esta política migratória das acusações de racismo.

Afinal, por que se denomina de “crise” (ou “invasão”) a chegada de 4 mil haitianos enquanto há 276 mil portugueses no país? Por que aos haitianos não se pode oferecer nada além do direito humanitário, isto é, a gestão biopolítica e compassiva da vida nua? (Toledo, 2012)

Nesta discussão, considerando que se trata de poucos milhares de haitianos em algumas cidades do Norte, fugitivos de uma catástrofe natural e humanitária retumbante – aliás, ocorrida num país diante do qual o Brasil assumiu especiais compromissos, inclusive o inédito protagonismo numa missão de paz (a polêmica MINUSTAH) – e arribados numa região cujas gigantescas obras carecem de mão de obra, só pode restar a impressão de que a grande notoriedade do caso serviu como um pretexto constrangedor, mas eficaz. Ventura & Illes (2012) colocam que, assim, a ocasião permitiu erodir a visão

do migrante como ser humano em busca de uma vida melhor, titular de direitos e deveres, como aquela propugnada pelo CNIg: parecíamos estar sob a ameaça de uma verdadeira “invasão haitiana”.

Assim, neste contexto, no mínimo controverso, há de se perguntar, portanto, se esse controle brasileiro à haitianos é baseado em critérios objetivos e impessoais ou é motivado pela aparência física do suspeito? Ou seja, a dita demonização do estrangeiro pobre?

Destas, encadeiam-se críticas e mais críticas quando se detecta diferenças nos tratamentos legais dados aos diferentes grupos imigrantes. Entre estes ou aqueles dilemas, são motivos para artigos e trabalhos técnico-científicos de especialistas convocando o governo para uma nova política e departamento de imigração, mais compatível com o exercício da democracia e direitos humanos (Agência Estado, 2012; Barata, 2012; Corrêa, 2012; Frayssine, 2012; FSIDHMB, 2012; Hajji, 2012; HM, 2012; Pantaleão, 2012; Ventura & Illes, 2012).

Na versão eletrônica deste trabalho, disponibilizamos no Anexo 2 uma resenha de imprensa sobre o fluxo imigrante de haitianos no Brasil desde 2010, após o terremoto, atualizado até 7 março de 2012.

5 Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil

Os haitianos que chegaram em conjunto ao Brasil são, em sua maioria, trabalhadores experientes e tecnicamente qualificados, e também muito cientes sobre as oportunidade de emprego do mercado brasileiro.

“Há indícios de que eles se instruíram, antes de viajar, sobre os setores do País em expansão e as chances de inserção”, disse o presidente do Conselho Nacional de Imigração, Paulo Sérgio de Almeida. (Trecho da reportagem do jornal O Estado de S. Paulo online, publicado em 15 jan. 2012)

“Os haitianos que chegaram no Brasil pela fronteira do Acre até o dia 12 janeiro deste ano, todos já foram encaminhados ao trabalho. Inicialmente eles vinham só, agora eles vêm com as famílias inteiras e tudo, inclusive com crianças. O objetivo deles é São Paulo. Eles querem chegar aqui, não ficam no Acre. Uma pequena comunidade se estabeleceu aqui no Acre, de 20-30 haitianos no máximo; mas o foco deles é ir para São Paulo ou Sul do país. E são de fato essas empresas que vêm recrutá-los. Eles sabem que no Brasil nós temos grandes obras, que nós estamos trabalhando com o problema da Copa do Mundo e das Olimpíadas; e eles têm informações sobre as usinas hidrelétricas do Madeira, aqui em Rondônia. Então, eles vêm com a visão das duas usinas hidrelétricas próximas ao Acre, e no Sul do Brasil onde tem muitas propostas na área de trabalho, sobretudo, no trabalho industrial.” (Secretário dos Direitos Humanos do Estado do Acre, Nilson Mourão, conversando em direto do Acre com o Jornal das Dez – Globo News, 12 abr. 2012)

Esses indícios podem ser verificados quando conversamos com alguns desses imigrantes. É um caso, o haitiano Pierre que estava na República Dominicana quando o terremoto de janeiro de 2010 destruiu metade de Porto Príncipe. Ele que perdeu a mãe e a esposa, deixou os dois filhos, de 13 e 14 anos, sobreviventes da tragédia, com amigos para emigrar para o Brasil. Em depoimento ao portal Opera Mundi, da UOL, Pierre explica que “Primero tentei viajar para os EUA e depois para a França, mas não consegui a autorização em nenhum caso”. Preferiu então o Brasil, tomando por base as impressões de um “povo acolhedor” e a abundância de empregos. No Brasil, conseguiu a autorização de ingresso logo que entrou ilegalmente, reforça. Escolheu Porto Velho, porque é um lugar “tranquilo, aonde se pode viver em paz”, uma cidade de 436 mil habitantes sem a agitação de grandes metrópoles.

No entanto, esses imigrantes que buscam refúgio em massa pela fronteira Norte do país percorrem caminhos tortuosos, conforme tratamos nos capítulos anteriores e relatados em manchetes.

Em entrevista ao repórter Altino Machado para o Blog da Amazônia, da Terra Magazine, a antropóloga paulista Thaissa Lumie Yamauie (formada na UFSCar, com especialidade em migrações) falou do seu trabalho como voluntária do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Acre. Aliando-se ao haitiano Esdras Hector, no final de dezembro, realizou entrevistas com grupos de imigrantes haitianos que sofreram abusos e violências no percurso rumo ao Brasil. Durante os dias que passou no município de Brasiléia, a antropóloga conseguiu reunir relatos detalhados do trajeto e dos acontecimentos que envolveram a diáspora haitiana em solo acreano. Ela constatou que os grupos migrantes estavam sendo vítimas de extorsão, roubo, estupros e mortes quando percorreram territórios do Peru e da Bolívia.

Um vídeo de fevereiro, publicado pela UOL Notícias, mostra entrevistas com dois destes imigrantes que, já em São Paulo, partiram 24 para trabalhar no norte do Paraná em empresa de carga e descarga. A capital paulista já tem reduto dos caribenhos na região da Baixada do Glicério, e o consulado do país estava servindo como “agência de empregos”, selecionando oportunidades para os recém-chegados.

“O Brasil vai pelo caminho do desenvolvimento. Já é um país desenvolvido! Eu saí do meu país em direção à República Dominicana. De lá, para a Argentina. E de lá, para São Paulo. Quero ficar no Brasil, fazer uma vida e buscar minha família para viver aqui porque eu amo muito o Brasil.” (Makendon Eliacin, imigrante haitiano partindo da Baixada do Glicério, no Centro de São Paulo, para trabalho no Paraná; UOL Notícias, 5 fev. 2012)

“Não há grande diferença entre a cozinha do Haiti e a do Brasil. Mas do ponto de vista econômico, há uma grande diferença! Eu quero trazer a minha família para cá. Quero voltar para o Haiti só para visitar, afinal, é a minha terra natal.” (Sadrac Darcelin, imigrante haitiano partindo da Baixada do Glicério, no Centro de São Paulo, para trabalho no Paraná; UOL Notícias, 5 fev. 2012)

O caso dos haitianos que foram barrados na cidade peruana Iñapari, não sabia que as fronteiras estavam fechadas, uma vez que já estavam em viagem quando o policiamento de bloqueio foi ordenado. Quase três meses depois, um dos haitianos,

Germain Guerbem, dizia à reportagem da BBC Brasil: “Não sabia que a fronteira estava fechada, achei que a cruzaria no mesmo dia”. O jovem de 24 anos lamentava: “Gastei todo o meu dinheiro na viagem e, mesmo que quisesse, não teria condições de voltar ao Haiti”. Guerbem, que buscava chegar a São Paulo, estava dormido na praça central de Iñapari com dezenas de compatriotas, em sua grande maioria homens. O grupo também contava cerca de 20 mulheres e crianças que foram alojadas por moradores locais em suas casas ou em armazéns. Os restantes dormiam espalhados pela cidade, sob qualquer cobertura que os protegesse das frequentes chuvas. Segundo Guerbem, a comida que alimentava o grupo era doada por associações caridosas de Assis Brasil. Ele se queixava das dificuldades para tomar banho, já que moradores estavam cobrando para ceder seus chuveiros. Na altura, o jovem apelava: “Peço que os brasileiros nos ajudem a entrar, porque não podemos aguentar mais”.

Nesta reportagem da BBC, o pedreiro haitiano Facius Etienne, alçado ao posto de líder do grupo e encarregado a representar o grupo nas negociações, transmitia o desespero do grupo pela situação; mas dizia em espanhol fluente: “Mesmo assim, temos fé que vamos entrar, porque nos disseram que no Brasil havia trabalho para nós. Se houvesse trabalho no Haiti, não teríamos vindo”. O grupo, dizia Etienne, era composto por muitos profissionais, como carpinteiros, eletricistas e mecânicos. Na expectativa de entrar, muitos estavam até fazendo aulas de português com uma professora voluntária de Assis Brasil.

Após os três meses de espera em Iñapari, quando o grupo obteve permissão de entrada no Brasil e começou a cruzar a fronteira, o líder Facius Etienne contava à BBC Brasil: “Fizemos uma festa ontem à noite. Após tanta calamidade e sofrimento, e a viagem desde o Haiti, deixamos agora nosso agradecimento ao povo do Peru, que nos acolheu e nos deu abrigo e comida, e agora aos brasileiros, onde poderemos trabalhar e ter uma nova vida”. “Só queremos trabalhar. Trabalhar para ajudar nossas famílias. E agora poderemos fazer isso no Brasil. É um grande prazer ver nossas mulheres arrumando as malas para partirmos. É uma alegria no coração”, acrescentou.

O jornal O Globo publicou, em janeiro, uma reportagem em vídeo que levanta algumas questões da situação de 1,3 mil imigrantes haitianos que haviam entrado na pequena Brasiléia.

A chegada

O Globo – Quando você chegou ao Brasil?

Fresner Jeune (pedreiro haitiano) – Eu cheguei aqui no Brasil há três meses. Já tenho o meu CPF, e me falta dinheiro para ir até Rio Branco para tratar de Trabalho.

O sonho

Jacksin Etienne (haitiano) – Eu tenho um irmão e quero que ele venha para cá no Brasil, porque ele joga bem futebol. Ele quer ser um grande jogador, e por isso quero que ele seja a primeira pessoa que venha.

Fresner Jeune (pedreiro haitiano) – Em São Paulo, eu sei que há muita possibilidade de eu conseguir um diploma de trabalho, pois é o que toda a gente diz sobre as oportunidades por lá para quem quiser trabalhar.

A realidade

O Globo – Como vocês estão vivendo aqui?

Abel Díaz (haitiano) – Nós estamos vivendo aqui como um animal.

Luz Marina Menezes (chefe do gabinete da prefeitura de Brasileia) – Eles chegam na verdade sempre muito baqueados da viagem. Sempre um tem algum tipo de doença, apresenta algum tipo de doença. A gente tem feito trabalhos de prevenções dos haitianos; e porque não de toda a cidade. Contamos com a nossa rede de saúde, mesmo precário. Não estávamos preparados, então falta mão-de-obra, equipamentos, e remédios. Mas, estamos buscando também ajuda do governo do Estado para que a gente possa fazer esse atendimento até a gente ter uma destinação mais completa; ou então até a gente conseguir impedir, ou, por meio das instituições, ver de que forma a gente pode deixar ser essa porta de entrada aqui no município.

O Globo – Qual o risco a cidade corre com esse número de pessoas vivendo nesse hotel em condições difíceis?

Janildo Bezerra (assessor da prefeitura de Brasileia) – Olha, o hotel, a gente tem uma ideia que ele pode hospedar em torno de 100 pessoas de forma confortável. E acredita-se que lá tem mais de 800 pessoas; então o aglomerado é muito grande. Tem pessoas dormindo no chão, no corredor, dentro de banheiros; então a gente teme que possa acontecer um surto. Não sei nem te explicar surto de quê, mas Deus ajude que a gente não venha a ter problema com esse aglomerado de gente num local tão apertado.

Luz Marina Menezes (chefe do gabinete da prefeitura de Brasileia) – E a gente tem tido esse cuidado de oferecer, dentro da nossa possibilidade, esse atendimento.

5.1 Vida nova no Brasil

Apesar das dificuldades, o Brasil ainda estava longe de ser o paraíso sonhado pelos haitianos. Ainda assim, quando se documentam e conseguem emprego, o sentimento é de mais e mais esperanças de prosperidade. É o caso do carpinteiro Josias Mirvil “Aqui temos casa, nós dormimos e comemos bem”, falava quando foi escolhido para trabalhar na construtora de Santa Catarina ao lado de mais 16 haitianos.

“Estamos muito felizes com este avanço e sabendo que passos importantes foram dados para que eles possam obter os documentos permanentes e melhor integrar-se na sociedade, no trabalho e na vida que desejam reconstruir no Brasil”, se expressou irmã Rosita Milesi, missionária scalabriniana e diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos, à Agência de Notícias UniCEUB (Martins, 2012).

Entrevista *in loco*

O Sr. Ernst Casséus, haitiano, 30anos, hoje no Rio de Janeiro, nos concedeu uma entrevista sobre o tema tratado neste trabalho: migração haitiana para o Brasil.

Formado em Economia pela Université d’Etat d’Haïti (UEH), o Sr. Casséus também chegou a estudar Turismo na República Dominicana; onde esteve trabalhando nos últimos sete anos como Agente de Turismo e Pacotes de Vendas. Poliglota (*créole*

haitiano, francês, inglês, espanhol, português e alemão), ele também tem sido professor particular de línguas: francês, espanhol e inglês.

Quando saiu do Haiti? Por quê?

Ernst Casséus – Saí do Haiti no ano 2004 quando no país estava difundida uma revolta social muito grave. O governo nessa altura perseguia os estudantes da Universidade. Não me sentia seguro, por isso decidi me mudar temporariamente para República Dominicana até que as coisas voltassem ao normal. E lá fiquei por sete anos.

Há dois anos que o Ernst pensava em se mudar para o Brasil. Essa ideia foi ganhando força quando alguns turistas brasileiros que conheceu em Punta-Cana falaram-lhe das ótimas oportunidades do setor turístico daqui. Na altura, ele morava e trabalhava como agente nessa cidade turística da República Dominicana. Os amigos argumentavam que o Brasil é um país muito bom que, ao contrário da República Dominicana, o povo brasileiro é mais acolhedor, receptivo e muito mais alegre. Um amigo haitiano (Wilbert) que trabalhava no mesmo hotel que ele em Puna-Cana, que agora mora no Brasil e trabalha numa empresa em Curitiba (empresa que ele não mencionou o nome) chegou até a se oferecer para ajudar para conseguir visto de residência no Brasil.

Ernst Casséus – Muitos brasileiros que conheci me disseram que o Brasil é muito bom mercado para eu trabalhar e crescer na minha carreira. A pesar de ter certa estabilidade econômica na República Dominicana, sempre sonhava em deixá-lo por ser um país altamente racista. Por questões históricas do passado, os Dominicanos não gostam conviver com haitianos, na ilha que estão compartilhando. Foi uma decisão individual; cheguei aqui e depois chegou a minha esposa.

Lhe foi feita alguma proposta de trabalho no Brasil? Quem fez? Qual foi a proposta?

Ernst Casséus – Não recebi nenhuma proposta formal de trabalho, mas os brasileiros que conheci me falavam que poderia conseguir um bom emprego no setor turístico porque falo várias línguas. Insistiam que, dada a minha experiência e

qualificação na área, com certeza ia conseguir bom trabalho em pontos como Copacabana, Búzios ou outros polos turísticos.

Foi abordado por atravessadores ou procurou alguém para lhe ajudar a organizar a viagem?

Ernst Casséus – Não. Sou agente de turismo por isso não precisei de informações de viagens e nem de ajuda por parte de terceiros.

Então motivado, Ernst foi ao consulado brasileiro lá na República Dominicana solicitar o visto, que foi negado. Com o terremoto que atingiu o país, ele e a família perderam casa e tudo, então precisou de mais dinheiro para poder ajudar a família.

Ernst Casséus – Um tempo depois que o visto foi negado pelo Consulado, soube que o Brasil abriu as suas portas para acolher os haitianos na fronteira Amazônica. Aí, não perdi tempo e comprei minha passagem Peru, com visto de negócios de ano. Ainda no Peru cheguei a tentar de novo o visto brasileiro, que foi negado outra vez; talvez por já ter sido negado uma vez na República Dominicana. Logo segui para atravessar a fronteira.

Qual foi o percurso? Quanto tempo durou? Quais foram as etapas e estações (países e cidades)?

Ernst Casséus – A viagem durou dois dias. Viajei desde Santo Domingo até Lima capital do Peru, com uma escala na cidade do Panamá. De Lima peguei um voo para Iquitos, daí segui pelo rio Amazonas numa viagem de barco até Tabatinga.

Quais foram as dificuldades da travessia (tanto a marítima como a terrestre)?

Ernst Casséus – Foi uma viagem muito cansativa.

Quando chegou à fronteira brasileira? O que aconteceu? Se apresentou na Alfândega?

Ernst Casséus – Quando cheguei na fronteira no dia 20 de outubro de 2011, fiz a saída na migração do Peru já que tinha visto de lá. Já era de noite quando atravessei para

o lado brasileiro. Passei a noite numa casa que a Paroquia do Espírito Santo alugou para receber os haitianos. Como as condições de higiene da casa não eram lá muito agradáveis, no dia seguinte aluguei um quarto enquanto esperava o protocolo para seguir viagem para meu destino final, a cidade de Rio de Janeiro. Neste mesmo dia entreguei meu passaporte ao sacerdote Gonzalo Ignácio Franco, encarregado de cadastrar os migrantes haitianos, que é o link entre os haitianos e as autoridades federais.

Quais foram as dificuldades?

Ernst Casséus – Para atravessar a fronteira até o território brasileiro não houve problemas.

Tinha outros imigrantes na fronteira?

Ernst Casséus – Chegaram uns seis haitianos juntos comigo.

Ernst lamentou a situação de lá vendo os outros haitianos sofrendo, contou que ficou um pouco decepcionado com a recepção que teve; pois não era nada parecido do que lhe fora dito. Ele achava que assim chegasse no Brasil, ia conseguir emprego; mas a sua realidade foi bem diferente. Ele viu que os outros haitianos que passavam necessidades.

Ernst Casséus – Uma vez que a gente chegou em Tabatinga as ilusões foram desaparecendo pouco a pouco. Muitos imigrantes haitianos foram enganados por traficantes que lhes cobraram de US\$ 1.500 a 5.000 para realizar a viagem, prometendo todo tipo de sonhos. Mas quando a gente chegou aqui a realidade foi diferente do prometido. Muitas pessoas, vítimas do desastroso terremoto, venderam tudo que tinham (casas, terreno, animais, veículos, etc). Algumas pessoas pegaram empréstimos em bancos para vir para o Brasil em procura de melhores oportunidades. Eram mais de 800 pessoas vivendo em condições inaceitáveis.

Qual foi o episódio mais crítico nessa empreitada?

Ernst Casséus – A coisa mais indignante que podia assistir em Tabatinga foi: o sacerdote Gonzalo tinha um tablet que filmava e tirava fotos na hora do almoço fornecido

pela igreja. Ele gravava e ria dos haitianos que lutavam pela comida. A quantidade de comida era para 50 pessoas quando estavam presentes mais de 100. Não tinha nenhuma organização por parte da igreja católica.

Ernst contou também como ficou triste ao ver como os jornais de Manaus falavam dos haitianos. Disse que colocavam os haitianos como se fossem a pior coisa do mundo; que haitianos traziam doenças: “Cólera vem da MINUSTAH”, lembrou o Ernst.

Quem lhe ajudou e ajudou outros haitianos?

Ernst Casséus – Umas 60 pessoas tomavam uma xícara de café com pão pela manhã, e o almoço era na paróquia do pastoral do migrante em Tabatinga. O resto recebia ajuda da sua família que está no Haiti ou no outro país como Estados Unidos e Europa. Eu trouxe meu dinheiro para a viagem, não recebi nenhuma ajuda de parte das autoridades brasileiras ou das instituições de caridade. A situação estava tão grave que tivemos que formar um comitê para aportar soluções aos nossos problemas; eu era porta-voz. Esse comitê escreveu ao padre Gonzalo, que falou com a Polícia Federal sobre suposta corrupção que estava acontecendo com os tramites; escrevemos ao deputado federal de Manaus, o senhor José Ricardo; organizamos uma conferência de imprensa na Universidade Estadual do Amazonas (UEA); e conversamos com a imprensa e os Direitos Humanos. Até que um dia a Globo chegou para mostrar a todo o Brasil a triste situação de sobrevivência que nós haitianos estávamos passando ali. Daí que o governo do Brasil fechou a fronteira e votou a lei que deu visto de 5 anos aos haitianos que tinham entrado no solo brasileiro, além dos 100 vistos mensais que deverão ser concedidos no Consulado brasileiro em Porto Príncipe. Os haitianos estavam ali permanecidos em Tabatinga, desempregados à espera do seu protocolo da Polícia Federal, estavam sendo vítimas de traficantes humanos. Mas com essas medidas, tudo aquilo foi apagado. É uma vitória para todos os migrantes haitianos que estão morando no Brasil.

Como está a sua situação agora?

Ernst Casséus – Tenho um emprego depois de muito tempo de espera. Mas ainda não estou nada satisfeito com a minha condição de vida no Brasil. Eu cheguei aqui

porque pensava encontrar melhores oportunidades de crescimento, até agora não aconteceu.

O que você gosta e não gosta?

Ernst Casséus – O povo brasileiro é muito gentil e acolhedor. Também é uma sociedade muito racista, violenta e o pior tem uma burocracia que limita bastante aos estrangeiros crescer no país.

Quais são os seus projetos?

Ernst Casséus – Cheguei aqui no Rio de Janeiro com a ilusão de poder ser empresário. Quero abrir um restaurante de comida caribenha. Ao mesmo tempo gostaria trabalhar no turismo e abrir uma agência de viagem onde pode-se comprar os passeios desde aqui. Até agora tudo fica num quarto de sonhos.

Você acha que vai ficar para sempre aqui no Brasil ou conta ir embora algum dia?

Ernst Casséus – Não vou ficar no Brasil para sempre. Estabeleço-me um tempo máximo de permanência de quatro anos mais ou menos. Mas, durante esse tempo pretendo ir visitar meu país sempre; tenho saudades da minha família e dos meus pais.

O Ernst diz que, na verdade, não tem preferência ainda se pretende voltar para o Haiti ou migrar para outro país depois dos tais quatro anos.

Ernst aproveitou para fazer a cobrança de que: o Brasil não está preparado para receber imigrantes estrangeiros, e que deveria se preparar mais, principalmente a nível institucional, para receber melhor seus visitantes. Ele terminou dizendo que não é refugiado, que veio para cá a procura de um futuro melhor num país que está crescendo, e economicamente é melhor do que o seu país de nascimento. O economista lamentou a forma que seus irmãos haitianos foram tratados, e reclamou da realidade de quando se chega aqui, muito distante daquilo é difundido pelos brasileiros no Haiti. Finalizou levantando que o Brasil deve repensar sua política migratória.



Fonte: Foto retirada de documento sobre imigrantes haitianos (Wooding & Moseley-Williams, 2005).

6 Considerações finais: conclusões e questionamentos

A tragédia do terremoto de 2010 devastou o Haiti, e a epidemização da cólera em 2011 o arrasou. Após os tremores em Port-au-Prince, talvez receosos pelas históricas características migratórias desse povo uma vez que o país tem frente forte presente no território, o Ministério das Relações Exteriores anunciou uma iminente “invasão” de mais de 20 mil haitianos por ano. Hoje, dois anos e meio depois, chegaram pouco mais que 4 mil. Inicialmente solicitando refúgio, as autoridades brasileiras os lançou na ilegalidade, na imobilidade e na precariedade, suspendendo tais protocolos apenas para estes. Como se não bastasse, a Polícia Federal teve ordens de barrar outras novas tentativas de haitianos nas fronteiras do Norte.

Com o barramento surgiram as primeiras críticas à postura brasileira frente aos haitianos migrantes. O professor da UFRJ e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM), Helion Póvoa Neto, questionou: “É uma questão politicamente difícil. Vamos deportar pessoas para um país onde fazemos uma

intervenção humanitária?”, em referência à liderança brasileira da missão militar da ONU no Haiti (Idoeta, 2012). Ou seja, a mesma instabilidade política que justificava a missão militar brasileira no Haiti foi negada como razão para pedir refúgio. Hoje a entrada de haitianos no Brasil está sob as rédeas da Resolução restritiva do CNIG.

É o caso: o Brasil do faça o que eu digo, e não faça o que eu faço?

Esta é uma questão levantada pelo blogueiro de Direitos Humanos, Paulo Pavesi, sobre o comportamento do Brasil como país à “invasão” dos haitianos, quando no passado o governo Lula condenou as restrições do parlamento Europeu contra a imigração do ilegal no Velho Continente. Nas palavras de Pavesi: “Hummm.. entendi. Bloquear a entrada de imigrantes ilegais haitianos. Mas e aquela historinha do direito de circular livremente? E aquela crítica à Europa? E a acusação de xenofobia do presidente Lula? O que mudou?”.

De fato, a política do Estado brasileiro, hoje, restringindo os refugiados naturais do Haiti, não vai em nada de encontro quando em 2008, o então presidente Lula, ele mesmo, chegou a invocar o artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos que assina que “Todo ser humano tem o direito de circular livremente”, contra as restritivas Europeias, que afetariam também as condições sociais que imigrantes ilegais enfrentariam por aqui.

É o caso de políticas de imigração seletiva?

O país deve limitar a entrada de imigrantes haitianos? Europeus, Norte-Americanos bem-vindos; haitianos barrados?

Realmente é difícil entender o raciocínio “estranho” que tenta transformar restrições em benesses. Sem qualquer novidade, requestiona-se a política histórica de cerceamento à imigração oriunda de determinados países ou regiões. O limite foi estabelecido ao sabor do arbítrio. Ele não se apoiou em qualquer avaliação da demanda por mão-de-obra ou do tamanho da dinâmica da diáspora haitiana. O temor de que os recém-chegados tragam as suas famílias inteiras é infundado: praticamente todas as famílias haitianas têm seus mais bem formados membros espalhados entre os Estados

Unidos, o Canadá, a República Dominicana, Cuba e outras ilhas do Caribe, a França, e os diversos Sul Americanos.

Na mesma tacada que criou barreiras discricionárias à vinda de haitianos, algo que deveria envergonhar um país que nas últimas décadas tanto se beneficiou com as remessas de sua própria diáspora, o governo brasileiro aplaude a chegada de dezenas de milhares de europeus, ajudando esses imigrantes a contornar a burocracia, segundo acusações.

Embora, as suas fortes raízes africanas, o Brasil sendo um país que se espelha muito na Europa e Estados Unidos, as suas chegadas chegam a ser uma publicidade boa; agora um fluxo de haitianos pra cá é considerada pura invasão.

De fato, grande surpresa é que diante da tamanha complacência da última anistia migratória aos europeus, surja uma Resolução governamental restringindo os novos fluxos haitianos. Agora, é importante argumentar que não há diferenças significativas de qualificação entre os bem acolhidos europeus e os vilipendiados haitianos, mas sim uma seletividade míope, centrada no status de seus países de origem. Talvez seja assim que complexos de inferioridade e mecanismos de auto-complacências se reproduzam, mas certamente não é assim que uma política migratória moderna e eficaz devesse se concretizar.

Não podemos trazer o Haiti para o Brasil

Não podemos descartar as reações do povo brasileiro em relação ao recente fluxo migratório dos haitianos pra cá. Alguns brasileiros expressam publicamente seu ceticismo quanto à aceitação dos haitianos, refletindo sentimentos normalmente não associados com o Brasil.

O jornalista André Forastieri declarou que o Brasil não deve nada aos haitianos, afirmando que países europeus e os Estados Unidos foram os que contribuíram para os problemas do Haiti. “Já temos bastante pobre fabricado aqui mesmo, disposto a trabalho de peão. O Brasil tem seus próprios haitianos, made in Brazil”, disse Forastieri em sua coluna no portal R7. “O Brasil não precisa dos imigrantes haitianos, e o Haiti não precisa do Brasil” (Romero, 2012).

É o caso também de um comentário feito no Blog da Amazônia sobre o tema noticiado do BOX 1, que me chamou muita atenção. Assinado no nome de Luiz Alcarde Carneiro, e postado no Blog no dia 23/05/2012, 09h43, dizia:

“O povo brasileiro desempregado e que paga seus impostos e veem seus direitos banidos por uma população de imigrantes que estão roubando seus empregos. Já são mais de 6 mil haitianos no Brasil que receberam carteira de trabalho e visto de permanência e terão uma cota prevista de 100 haitianos por mês com direito a trazer toda sua famílias, todos terão o direito ao visto de permanência, acha pouco, está havendo uma evasão em massa para o Brasil. [...] O povo haitiano está em febre em busca de ilusões no Brasil, aqui não é nenhum paraíso, há moradores de rua, há misérias, há favelas e falta sim emprego para a classe trabalhadora brasileira. Olhar a miséria de outros povos e importá-la para o Brasil é no mínimo insana. [...] O Brasil já contribuiu com milhões de reais para reconstruir o Haiti, toda reconstrução requer mão de obra, porque não buscam reconstruir seu próprio país. O Brasil quer fazer média perante a opinião internacional para conseguir um assento na ONU e com isso o povo brasileiro tem que fazer concorrência com estrangeiros em seu próprio país. Logo irá dispensar os brasileiros de seus trabalhos para pagar 500 reais a um haitiano.”

Assim esses são apenas retratos do que seria uma hipocrisia dizer que não existe preconceito no Brasil ainda mais de classe social. Com essas reações, não fica difícil entender como se chegou a se perceber uma “imigração seletiva” claramente testada sobre os refugiados naturais haitianos.

Boas notícias

Organizações nacionais e internacionais de apoio às migrações e grupos de pesquisa e estudo sobre as migrações sediados em diferentes universidades brasileiras têm acompanhado com apreensão a realidade enfrentada pelos imigrantes haitianos na fronteira da região norte do Brasil assim como a cobertura dada a essa realidade pela mídia brasileira e internacional. Alinhados com a necessidade de um tratamento dessa nova realidade como uma questão de direitos humanos, fizeram circular, desde janeiro, um manifesto em defesa e apoio aos imigrantes haitianos. O grupo de especialistas sugeriu ao governo brasileiro que veja nesse momento a oportunidade de tornar concreta

para o país e para o mundo a postura humanitária, importante para outorgar ao Brasil reconhecimento político e econômico no contexto internacional.

É também “boa notícia” que o Brasil e os brasileiros saibam que os 4 mil novos permanentes temporários vêm de uma gente com índole histórica de guerreiros, persistentes, esperançosos e também migrantes.

O que o povo haitiano tem de sofrido, de estigmatizado, de prejudicado, de ser vítima de qualquer tipo de preconceito, ele também tende a ser um povo forte que não abandona nunca, que sempre vai a busca do seu sonho, seja o que acontecer. Quando ele cair, sempre dará um jeito de se levantar, e segue a vida. Repare no símbolo de coragem e de persistência expresso pelo sociólogo Franck Seguy, que estava aqui finalizando o seu mestrado em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) quando dos tremores de janeiro de 2010:

Você acredita que o Haiti será um país sólido no futuro?

Franck – Eu acho que vai acontecer duas coisas: ou o Haiti vai desaparecer ou vai se libertar. Na consciência do povo haitiano, não há outro meio como viver. Para o povo falta o meio para lutar por sua liberdade agora. Mas isso é uma coisa que está até escrito na bandeira haitiana: “Viver livre ou morrer”. Não conheço outra opção. Há outros esforços que incentivam outra opção. Mas o haitiano conhece apenas essas duas opções. (Entrevista concedida durante a abertura do 29º Congresso do ANDES-SN, à ADUFPA Seção Sindical, 26 jan. 2010)

A fuga de cérebros haitianos

Não se pode apenas ver imigrantes haitianos como uma mão de obra barata, ele também tem poder de inclusão social e presença intelectual; Yves André Cribb é um exemplo ativo no território brasileiro. O professor doutor Cribb da UFRRJ também é pesquisador da Embrapa entre outros órgãos de fomento, hoje está à frente de um projeto tripartite Estados Unidos- Brasil- Moçambique. Com experiência no assunto da migração, ao lhe perguntar a sua opinião sobre o tema, fez seguinte comentário: “Tenho certeza de que, um dia, o Haiti vai sair desta situação lamentável. Nossa país vem de adotar a versão da constituição que reconhece a dupla nacionalidade. Isso é um grande passo em direção

a uma maior aproximação de seus filhos que vivem no exterior. Muitos deles têm competências suficientes para gerenciar processos de desenvolvimento”.

Nesta discussão, cabe Michaëlle Jean como um grande exemplo de fuga de cérebros da imigração haitiana. Ela nasceu em Port-au-Prince, Haiti, imigrou para o Canadá com a família em 1968, fugindo do regime ditatorial da época. Seus pais, Roger e Luce, eram professores. Em 1965, Jean Roger foi sequestrado por capangas de Duvalier. Empossada em 2005, a Right Honourable Michaëlle Jean, exerceu funções de chefe de Estado como a 27ª Governadora Geral do Canadá, desde Confederação em 1867. Durante seu mandato, a Governadora Geral foi agraciada com diversos títulos honoríficos nacionais e internacionais.

O caso desta haitiana é um exemplo interessante para o Brasil que ainda não reconhece o direito a voto dos imigrantes. Neste sentido, Brasil vai ficando isolado num continente em que o direito ao voto dos migrantes já foi reconhecido por Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, México e Peru. Definitivamente o Brasil deve repensar seu sistema migratório.

Opinião

A discussão abordada aqui trata de indivíduos deslocados de seu ambiente de origem e a maneira como os seus movimentos para cá têm sido forjados por uma determinada mídia. Então a escolha do caso dos haitianos, está ligado principalmente ao fato no qual o Estado receptor utiliza para a sua imagem internacional uma ação tipificada como humanitária no território dos tais migrantes.

Desta perspectiva, a discussão pode ser entendida, como aliás foi levantado por alguns críticos, que de fato o Estado brasileiro não “precisa” dos haitianos cá, mas de passar a imagem de “bom mocismo”; que por sua vez remete a imagem publicitária em que o país se valorizaria nas suas pretensões em ser reconhecido como potência regional.

O caso da imagem na mídia dos imigrantes haitianos como se viu ultrapassa a simples fronteira do Brasil e do Haiti. E supera e extravasa as questões de natureza social e das “areias movediças” comunicação, e tende a diplomacia. Não está apenas nem em Brasília nem em Port-au-Prince, pois o êxodo do assunto está também no prédio da ONU em Nova York.

Dentre os atores sociais envolvidos nas situações deste recente fluxo migratório (Figura 5), identifica-se diferentes e variadas suposições.

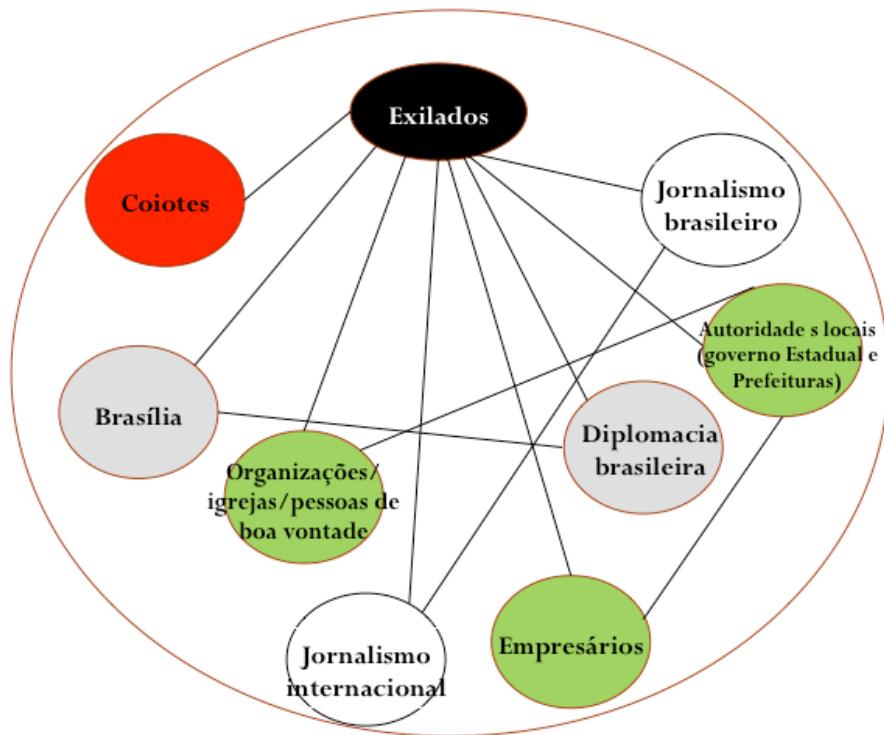


Figura 5 Relação dos atores sociais envolvidos no caso dos novos fluxos haitianos no Brasil.

Como discutimos entende-se que o governo deve ter a sua visão politizada, e talvez parte dos nativos vêm os haitianos como concorrência de trabalho, e os parte do empresariado “beneficiário” os enxergam como possível mão-de-obra barata e desprovidos de proteções trabalhistas, que querem mesmo é mandar boa parte dos seus rendimentos para as suas famílias no Haiti.

Existe também uma interrelação envolvendo as representações das mídias internacionais sobre o caso. Muitas dessas costumam fazer simples reproduções das representações processadas por aqui. Algumas outras representam outras visões mais críticas, como o caso da manchete do canadense *La Press* (Marull, 2012): “Les Haïtiens moins accueillis”.

Referências

ADUFPA. Leia entrevista com o haitiano Franck Seguy, durante congresso do ANDES-SN. **ADUFPA Seção Sindical**, 29 jan. 2012. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/internacional_materia.asp?id=11203&ida=0>. Acesso em: 2 jul. 2012.

AFROCUBA. Haiti in Cuba. Disponível em: <<http://www.afrocubaweb.com/haiticuba.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

AGÊNCIA BRASIL. Concessão de vistos para haitianos no Brasil só atendeu 30% da cota. (1 mar. 2012). Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/03/01/interna_brasil,291523/concessao-de-vistos-para-haitianos-no-brasil-so-atendeu-30-da-cota.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2012.

AGÊNCIA BRASIL. Epidemia de cólera no Haiti começou com soldados do Nepal, diz relatório. (30 jun. 2011). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-06-30/epidemia-de-colera-no-haiti-comecou-com-soldados-do-nepal-diz-relatorio>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

AGÊNCIA ESTADO. Nova lei de imigração focada em direitos. **Portal O Estrangeiro**, 17 mai. 2012. Disponível em: <http://oestrangeiro.org/2012/04/30/nova-lei-de-imigracao-focada-em-direitos>. Acesso em: 28 jun. 2012.

ALLMAN, James. Hatian migration: 30 years assessed. **Migration Today**, vol. X, No. 1, pp. 7-12, 1982.

AMERICAS-FR. Haiti: Histoire. Disponível em: <<http://www.americas-fr.com/histoire/haiti.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

AMNESTY INTERNATIONAL. Haiti. **Informe 2012 – Anistia Internacional**, pp. 144-146. Disponível em: <http://files.amnesty.org/air12/air_2012_countryreports_pt-br.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

ANGLADE, Georges. Les haïtiens dans le monde. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

ASANO, Camila. Entrevista sobre a política migratória para haitianos. **Radio Nacional**, versão áudio, abr. 2012. Disponível em: <<http://soundcloud.com/conectas/camila-asano-da-conectas-fala>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

BARATA, Iamê. Migrar é um direito humano. **Portal O Estrangeiro**, 17 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/17/migrar-e-um-direito-humano/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

BARATA, Iamê; CAROLINA, Ruana. Haitianos entre refúgio e imigração. **Portal O Estrangeiro**, 19 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/19/refugio-e-eimigracao-haitiana/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

CAPES/CNPQ/DCE. Manual do Programa de Estudantes-Convênios de Pós-Graduação. Brasília: **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Divisão de Temas Educacionais-MRE**, 2008.

CARVALHO, Cleide (repórter). A situação dos haitianos em Brasileia. **O Globo**, versão vídeo, 7 jan. 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/infoglobo/o-globo/v/situacao-dos-haitianos-em-brasileia/1758827>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

CIA WORLD FACTBOOK. Central America and Caribbean: Haiti. **CIA World Factbook**, 7 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

COLLECTIF HAITI DE FRANCE. Situation des Haïtiens migrants en République Dominicaine. Disponível em: <<http://www.collectif-haiti.fr/republique-dominicaine.php>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

COLLEGE OF THE BAHAMAS. Haitian migrants in the Bahamas 2005. (Final Draft) A Report for the International Organization for Migration, set. 2005, 144p.

CORRÊA, Ruana. Política migratória e direitos humanos. **Portal O Estrangeiro**, 30 mai. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/05/30/politica-migratoria-e-direitos-humanos/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

DAMASCENO, Valder. Assembleias de Deus recebem evangélicos refugiados do Haiti. **Gnotícias- Gospel Mais**, 6 abr. 2012. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/assembleias-deus-recebem-evangelicos-refugiados-haiti-32819.html>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

ECHO. Ajuda em favor das vítimas das inundações de novembro de 2006 no noroeste e o sudeste do Haiti. **Comissão Europeia, Direção Geral da Ajuda Humanitária**, 2007.

ESTADÃO. Haitianos sonham com vaga na usina. **Jornal O Estado de S. Paulo**, 1 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,haitianos-sonham-com-vaga-na-usina,894146,0.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2012.

FELLET, João. Barrados há 77 dias, haitianos dormem em praça no Peru à espera de decisão do Brasil. **BBC Brasil**, Brasília, 29 mar. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120328_video_haitiano_fronteira_jf.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2012.

PUFF, Jefferson. Imigrantes haitianos entram no Brasil após três meses de espera. **BBC Brasil**, São Paulo, 10 abr. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120410_haitianos_entrada_brasil_jp.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2012.

FRAYSSINE, Fabiana. Brasil entre dos necessitados. **Portal periodismohumano**, 7 mar. 2012; **Portal O Estrangeiro**, 14 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/14/brasil-entre-dos-necesidades/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

FSIDHMB. Manifesto em defesa de uma nova lei de migração pautada nos direitos humanos e na solidariedade entre os povos. **FSIDHMB- Fórum Social pela Integração e Direitos Humanos dos Migrantes no Brasil**, São Paulo, 10 abr. 2012. Disponível em:

<<http://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2012/04/manifesto-em-defesa-de-uma-nova-lei-de-migrac3a7c3a3o.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

GALLIBOUR, Erric. Les Haïtiens em Guyane: de l'immigration à la stigmatization des immigrés haïtiens en Guyane. **Portail d'information sur la communauté haitienne de France**, 10 nov. 2007. Disponível em: <<http://haitiensenfrance.online.fr/spip.php?article41>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

GLOBO NEWS. Haitianos passam por processo de adaptação no Brasil. **Jornal das Dez – Globo News**, versão vídeo, 12 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/haitianos-passam-por-processo-de-adaptacao-no-brasil/1900198/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

GOIS, Chico. Declaração de Dilma no Haiti faz procura por vistos aumentar. **O Globo**, 4 fev. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/declaracao-de-dilma-no-haiti-faz-procura-por-vistos-aumentar-3882620>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

HAITI-REFÉRENCE. Histoire d'Haiti: Vers l'Indépendance. **Haiti-Référence- Un Guide de Référence sur Haïti**, doc. 62307, 28 mai. 2012. Disponível em: <http://www.haiti-reference.com/histoire/per_independance.php>. Acesso em: 10 abr. 2012.

HAJJI, Moha. Brasil país de imigração? **Portal O Estrangeiro**, 11 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/11/brasil-pais-de-imigracao/>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

HM. Destino dos “ilegais” presos na fronteira. **Portal O Estrangeiro**, 12 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/12/qual-e-o-destino-dos-imigrantes-ilegais-flagrados-na-fronteira/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

IDOETA, Paula A. Conselho de Imigração aprova restrição à entrada de haitianos. **BBC Brasil**, São Paulo, 12 jan. 2012. Disponível: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120112_haitianos_atualiza_pai.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2012.

LAURIA, Lélio. A questão dos imigrantes haitianos. **Blog Acrítica, portal UOL**, 13 fev. 2012. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/blogs/blog_do_lelio_lauria/imigrantes-haitianos_7_633606635.html>. Acesso em: 3 jul. 2012.

LIMA, Wilson. Manaus vira “eldorado” para refugiados haitianos no Brasil. **iG Notícias, Maranhão**, 24 jul. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/am/manaus+vira+eldorado+para+refugiados+haitianos+no+brasil/n1597096112402.html>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

LOURENÇO, Luana. Governo vai regularizar a situação de 4 mil haitianos no país. **Agência Brasil**, 10 jan. 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-10/governo-vai-regularizar-situacao-de-4-mil-haitianos-no-pais>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

MACHADO, Altino. “Coiotes” conduzem mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru. **Blog da Amazônia /Terra Magazine**, 15 mai. 2012. Disponível em: <<http://terrasmagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2012/05/15/coiotes-conduzem-mais-haitianos-ate-a-fronteira-brasil-peru/>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

MACHADO, Altino. Haitianos relatam que encontraram corpos em decomposição durante fuga para o Brasil, diz antropóloga. **Blog da Amazônia /Terra Magazine**, fev. 2012. Disponível em: <<http://terrasmagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2012/01/05/haitianos-relatam-que-encontraram-corpos-em-decomposicao-durante-fuga-para-o-brasil-diz-antropologa>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

MANIFESTO de apoio aos haitianos. **Portal O Estrangeiro**, 13 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/13/manifesto/>>. Acesso em? 28 jun. 2012.

MARTINS, Rosinha. Imigrantes haitianos conseguem emprego na Construção Civil e moram nas periferias do Distrito Federal. **Agência de Notícias UniCEUB, Revista Missões**, versão online 6 mai 2012. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/noticias/ler/id/5227>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

MARULL, Yana. Les Haïtiens moins bien accueillis au Brésil. **La Presse, Agence France-Presse**, Brasília, 11 jan 2012. Disponível em: <<http://affaires.lapresse.ca/economie/international/201201/11/01-4484914-les-haitiens-moins-bien-accueillis-au-bresil.php>>. Acesso em: 13 jul 2012.

MEC/MRE. Manual do Programa de Estudantes-Convênios de Graduação. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior/Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Cooperação Educacional**, 2004.

MENDES, Vannildo. Maioria que chega tem boa qualificação. **O Estado de São Paulo**, Brasília, 15 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,maioria-que-chega-tem-boa-qualificacao-822854,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

MENINO, Thomas M. Haitian immigrants in Boston. **City of Boston: imagine all the people**, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.bostonredevelopmentauthority.org/PDF/ResearchPublications/Haitian%20UP%20DATE%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

MHAVE. Etat Haïtien / Mon Pays. **MHAVE- Ministère des Haïtiens Vivant à l'Etranger**, 2012. Disponível em: <http://www.mhave.gouv.ht/index.php?option=com_content&view=article&id=112&Itemid=27>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MUNIZ, Ricardo. Primeiro grande terremoto na região do Haiti foi registrado em 1795. **Portal G1**, 13 jan. 2010. Disponível <<http://g1.globo.com>>. Acesso em 30 mai. 2012.

NAVIA, Raimundo G. E. **El haitiano em Cuba**, 17 abr. 2012. Disponível em: <<http://elhaitianoencuba.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

ONU. O furacão Jeanne no Haiti: efeitos sobre danos e departamentos no Noroeste e Artibonite. **Nações Unidas, Comissão Econômica para América Latina e no Caribe**, mar. 2005, p. 6.

OSAVA, Mario. Megaobras Rondônia em pólo de atração de imigrantes do Haiti. **Portal Opera Mundi, UOL**, 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/19993/megaobras+transformam+rondonesia+em+polo+de+atracao+de+imigrantes+do+haiti.shtml>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

PANTALEÃO, Gabriela. Dilemas da política migratória brasileira. **Portal O Estrangeiro**, 27 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/18/dilemas-da-politica-migratoria-brasileira/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

PAVESI, Paulo. Ahhh.. O Brasil do faça o que eu falo mas não faça o que eu faço. **Blog Paulo Pavesi**, 5 fev. 2012. Disponível em: <<http://ppavesi.blogspot.com.br/2012/02/ahhh-o-brasil-do-faca-o-que-eu-falo-mas.html>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

PEREIRA, Augusto H. R. Haiti- um retrospecto da participação do Brasil. O Componente Militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. **Revista Sangue Novo, AMAN**, 2007. Disponível em <<http://www.sangueverdeoliva.com.br/onu/>>. Acesso em 20 abr. 2012.

PERON, Bruno. El drama de los haitianos. **Portal Vermelho; Portal O Estrangeiro**, 28 mai. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/05/28/drama-dos-haitianos/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

PORTAL O ESTRANGEIRO. Imigrantes haitianos são regularizados. (10 abr. 2012). Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/10/600-haitianos-regularizados/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

PNUD. Informe Nacional de Desarrollo Humano: República Dominicana 2005. Disponível em: <<http://www.bpm.uasd.edu.do/Members/jimenezp/poblacion-y-desarrollo/indh-20repdominicana-202005-20-20sinopsis.pdf/view>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

PORTELA, Lilian. Empresários estão levando haitianos de Manaus para o sudeste do Brasil. **Portal D24am**, 23 mai. 2012. Disponível em:

<<http://www.d24am.com/amazonia/povos/empresarios-estao-levando-haitianos-de-manaus-para-o-sudeste-do-brasil/59522>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

RADIO-CANADA. La diaspora haïtienne. (15 jan. 2010). Disponível em <<http://www.radio-canada.ca/nouvelles/International/2010/01/15/015-Diaspora.shtml>>. Acesso em 14 abr. 2012.

REDAÇÃO ÉPOCA. Terremoto no Haiti poderia ter sido 20 vezes mais forte. **Revista Época**, 15 jan. 2010a. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI116344-15227,00-TERREMOTO+NO+HAITI+PODERIA+TER+SIDO+VEZES+MAIS+FORTE.html>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

REDAÇÃO ÉPOCA. Terremoto do Haiti entre os piores da história. **Revista Época**, 18 jan. 2010b. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI116666-15227,00-TERREMOTO+DO+HAITI+ENTRE+OS+PIORES+DA+HISTORIA.html>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

ROMERO, Simon. Haitianos geram debate sobre políticas de imigração seletiva. **Opinião & Notícia**, 8 fev. 2012. Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/haitianos-geram-debate-sobre-politicas-de-imigracao-seletiva-no-brasil/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

ROUDELIN, Augustin. Haiti des catastrophes plus dévastatrices les unes que les autres (2004-2010). **RFI Atelier des médias**, 28 jan. 2010. Disponível em <<http://atelier.rfi.fr/profiles/blogs/haiti-des-catastrophes-plus>>. Acesso em 01 jun. 2012.

SARRES, Carolina; MASSALI, Fábio. Empresas gaúchas contratam haitianos que entraram no país com visto humanitário. **Agência Brasil**, 11 mai 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-11/empresas-gauchas-contratam-haitianos-que-entraram-no-pais-com-visto-humanitario>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

SOUZA, Elói. Construção civil e comércio acolhem haitianos em Arapongas. **Portal Tnonline**, 6 abr. 2012. Disponível em:

<<http://tnonline.com.br/noticias/arapongas/46,123197,06,04,construcao-civil-e-comercio-acolhem-haitianos-em-arapongas.shtml>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

STATISTICS CANADA. La communauté haïtienne au Canada. **Statistique Canada**, n. 11, 2007. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca/pub/89-621-x/2007011/4123274-fra.htm>>. Acesso em: 20 de mai. 2012.

THOMAZ, Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião. Fronteira social e fronteira de serviço. **O Estado de São Paulo**, 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,fronteira-social-e-fronteira-de-servico,828430,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

TOLEDO, Fabrício. O Haiti não é aqui, nem ali. É um êxodo e uma linha de fuga. **Global Brasil**, Edição 15; **Portal O Estrangeiro**, 14 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=1024>>. Acesso em: 2 mai. 2012.

UOL NOTÍCIAS. Refugiados haitianos falam sobre perspectivas no Brasil. **Portal UOL**, versão vídeo, 5 fev. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/videos/assistir.htm?video=refugiados-haitianos-falam-sobre-perspectivas-no-brasil-04024C9B3170DCA12326>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

USGS. Earthquakes with 1,000 or more deaths since 1900. U.S. Geological Survey, **Hazards Program**. Disponível em: <http://earthquake.usgs.gov/earthquakes/world/world_deaths.php>. Acesso em: 30 mai. 2012.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre Gusmão- Ministério das Relações Exteriores, Fundação Biblioteca Nacional, 2007, 396 p.

VENTURA, Deisy; ILLES, Paulo. Qual a política migratória do Brasil? **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 7 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1121>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

WOODING, Bridget; MOSELEY-WILLIAMS, Richard. Les immigrants haïtiens et leurs descendants en République Dominicaine. Port-au-Prince: **Catholic Institute for International Relations (CIIR); ISPOS**, 2005, 110 p.

WORLD BANK. Data World Bank: Haiti. **The World Bank**, 2010. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/haiti>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

Anexos (versão CD)

Anexo 1 Haitianos: Residências Permanentes concedidas (28 abr – 29 jun 2012)

Anexo 2 Resenha de imprensa: Haitianos no Brasil (19 mar 2010 – 7 mar 2012)